

Trabalhos selecionados para Colóquio Interno

2º Semestre 2011

Ciclo I - Laiz T. Dietschi

Ciclo II - Fernanda Zanetti Cinalli

Ciclo III - Luciana B. G. Sarkozy

Ciclo IV - Adriana Meyer Barbuda Gradin

Ciclo V - Maria Aparecida Ramos de Stefano

Ciclo VI - Claudia Pereira Freire de Lima

Índice

Ciclo I

Laiz T. Dietschi

“A função do analista” 03

Ciclo II

Fernanda Zanetti Cinalli

“Do narcisismo à possibilidade de conviver” 11

Ciclo III

Luciana B. G. Sarkozy

“Édipo – O complexo do qual muitos adultos nunca escapam” (parodiando NASIO, 2007) 20

Ciclo IV

Adriana Meyer Barbuda Gradin

“Confiar” 34

Ciclo V

Maria Aparecida Ramos de Stefano

“O amor na relação transferencial e o manejo da transferência” 48

Ciclo VI

Claudia Pereira Freire de Lima

“Caso Renato – Inclassificável?” 54

2º Semestre 2011

Ciclo I

Aluna: Laiz T. Dietschi

Título: “A função do analista”

Este tema que recorto aqui foi abordado em duas ocasiões na *hora clínica* do curso de formação de diferentes formas. Decidi abordá-lo após assistir ao filme **Um Conto Chinês** (Arg./Esp. 2011- dir. Sebastián Borensztein).

A partir de uma breve apresentação do que me interessou no filme, procurarei relacionar os aspectos que me chamaram a atenção com elementos obtidos de leituras feitas até o momento no curso de formação. Para minha surpresa a questão relativa à função do analista é um tema polêmico. A palestra de Sérvulo Augusto Figueira que o diga. (O Papel do Analista na situação terapêutica. CEP – Videoteca, volume 69 – Palestras e Debates.). Minha pretensão, no entanto, não vai além de uma tentativa de relacionar minhas impressões sobre o filme à questão da função do analista.

Faço aqui uma tentativa de juntar alguns pontos que me serviram de referência para elaboração deste texto, ou seja, o filme, as horas clínicas já mencionadas e um detalhe da matéria da revista **Viver Mente e Cérebro**, nº 1: **Freud: o Despertar do Inconsciente**, redigida por Bernard This.

Durante as horas clínicas do curso, em duas ocasiões se discutiu o que me pareceu ser o *setting* analítico. Diversas questões estiveram em pauta nesses dois encontros. No primeiro, a meu ver, foi motivo de interesse geral a necessidade ou não de o analista anotar alguma coisa do que o analisando falasse. No segundo, a questão girava em torno do uso do divã. O crucial, me parece, é que se falava também da função do analista e de elementos capazes de produzir um trabalho de qualidade. Quais seriam esses elementos? Seria a técnica do analista mais eficiente se utilizasse um divã? Seria ele um bom analista por não esquecer nada do que o analisando dissesse em sessão ou pior, não confundisse o conteúdo de um com o de outro? O que faz de um analista um bom analista? Como afinal de contas alguém se torna um bom analista? Será que a apreensão da técnica confere as condições necessárias para realizar um bom trabalho? O curso de formação encerra a formação? Anotei estas questões mentalmente como impressões pessoais sobre os comentários e questionamentos dos colegas. De certa forma elas são minhas, daí o meu recorte. Certamente não tenho respostas para elas. Evidentemente, além do conhecido tripé: análise pessoal, estudo da teoria metapsicológica e supervisão clínica, não há respostas fáceis. Devo me contentar, no momento, com a formulação das questões. Talvez esse texto não seja mais do que a instalação de questionamentos que poderão ser desenvolvidos à medida que o meu próprio processo caminhe no sentido da formação.

O filme:

Qual é a história do filme?

Roberto, homem solitário e rabugento evita contato com outras pessoas. Vive só na casa herdada dos pais onde também funciona sua loja de ferragem. Curiosamente vê-se envolvido em uma situação na

qual tem de conviver com um chinês, Jun, por um período de tempo indeterminado. Jun acaba de chegar a Buenos Aires, está perdido e desorientado. Viajou para esta cidade em busca de um parente de quem não tem notícias há anos depois que uma tragédia atingiu sua vida. A comunicação entre os dois é precária, já que nenhum deles fala o idioma do outro. Ambos ficam presos a uma relação de convivência quando Roberto, por compaixão, decide dar guarida a Jun em sua casa. A possibilidade de Roberto livrar-se da presença incômoda de Jun esbarra em conflitos relacionados a valores pessoais.

Minha leitura do filme

Roberto não investe em relações íntimas com outras pessoas e vive uma vida estreitada e pequena onde não cabem aproximações com os vivos. As trocas se dão sempre de uma forma hostil com presença de irritabilidade. Seu fechamento para o mundo é representado, a meu ver, pelo espaço onde vive e trabalha e de onde raramente sai. Dedica-se a colecionar fragmentos muito específicos do mundo que mantêm viva a memória da mãe e do pai. Ao mesmo tempo em que isso conserva, por um lado, uma certa abertura para o mundo externo, por outro, contraditoriamente, serve como suporte à manutenção em um estado de isolamento.

Entre as características do personagem estão uma certa rigidez e o grande investimento de energia em comportamentos peculiares: acumulação de recortes de jornais com notícias curiosas, coleção de pequenos e frágeis objetos de vidro, os quais são alusivos à memória da mãe que nunca conheceu, e a contagem de parafusos que compra em caixas para sua ferragem, contagem essa que ilustra o contato hostil com o mundo externo. Outra situação intrigante é o fato de apagar a luz para dormir exatamente às 23h todas as noites. Parece uma tentativa desesperada de manter a vida sob controle, sem surpresas. Todos esses elementos apresentados pelo filme e motivo de curiosidade vão se revelando e se mostrando de uma forma a oferecer a significação de tais atos. A presença de Jun é decisiva no desenrolar do processo de compreensão dos atos de Roberto.

Recorte sobre a presença silenciosa e incômoda do desconhecido chinês.

Os atos de Roberto, aparentemente sem sentido, ganham significação a partir de uma questão colocada por Jun, ajudado por um intérprete: *por que ele colecionava recortes de jornais*. O momento em que esta questão é formulada já encontra ambos, Roberto e Jun, em uma situação em que a pergunta não soa invasiva. Os dois personagens já haviam trilhado algum percurso juntos. A resposta à pergunta somente Roberto conhece, mas ela não é tão óbvia. Por trás da explicação de que são absurdas e, portanto, hilárias encontra-se a própria razão dos seus atos e comportamentos. A insistência de Jun leva Roberto a buscar um outro sentido para aquele ato insólito que encobre a não aceitação das perdas. Seu isolamento e o estreitamento do seu mundo são mostrados pela incapacidade de entregar-se ao amor. Os vínculos afetivos podem acabar em ruptura, morte e é contra isso que ele parece erguer suas defesas. Mas, paradoxalmente, para evitar essa perspectiva presente nas relações, ele precisa reviver diariamente, como leitor, a dor de que tanto foge. Uma grande quantidade de energia é canalizada nos atos repetitivos e no ataque ao mundo externo.

Minha leitura do filme me fez pensar que já havia uma demanda inconsciente por parte de Roberto para mexer nesses conteúdos antes do encontro com Jun. Isso aparece através da forte impressão causada em Roberto pelo aparecimento de Mari em sua vida com quem tem uma relação sexual no primeiro encontro. Depois disso, ele parece fugir de Mari. Outro indício de que uma abertura se anuncia é a disposição do personagem para limpar o espaço da casa, onde uma grande quantidade de objetos inúteis

se acumulam. Trata-se do pátio interno da casa com pouco espaço para circulação cujo aproveitamento é muito empobrecido.

A chegada do “intruso”, de cuja presença o personagem não consegue livrar-se, põe em marcha situações que levarão Roberto a ressignificar suas experiências, abrindo, dessa forma, espaço para um relacionamento real com um outro que é vivo. Nesse processo há um progressivo desarrumar, limpar, desocupar e reorganizar com todos dos percalços que essa tarefa comporta. Roberto inicia o trabalho de limpeza de sua casa solitariamente, mas não consegue dar seguimento a ela. Essa tarefa vai contar com a ajuda de Jun que trabalha em silêncio.

Depois do processo que culmina com a derradeira pergunta que possibilita uma abertura de Roberto para a uma relação com o mundo externo e interno de qualidade diferente, os dois protagonistas desta história podem separar-se. A jornada chegou ao fim. Na sequência do filme, Roberto vai ao encontro de Mari. O cenário muda. Deixa de ser o espaço apertado e conhecido da casa para transmutar-se a um espaço muito mais alargado de circulação.

A questão que se colocou para mim foi sobre a função do analista que forma com o analisando esse par inusitado. A impossibilidade de ofertar respostas se evidencia no silêncio. Não se trata de uma conversação. Mas, afinal, a quem o analista se dirige? Suponho que a metáfora do filme oferece uma resposta possível: ao inconsciente do analisando. É preciso transitar junto com o analisando no seu mundo interno apontando silenciosamente seus objetos. O processo, a casa, é do analisando, ali vão operar na transferência e análise das resistências o que estiver ao alcance do analisando. No entanto, sem a presença do analista esse processo não acontece. Haveria possibilidade de levar em frente esse trabalho solitariamente? Se a transferência e análise das resistências são fundamentais, como proceder à autoanálise; estabelecendo transferência consigo mesmo? Como reconhecer em si mesmo as resistências?

Parece que a única autoanálise reconhecida foi a do próprio Freud. De acordo com Roudinesco e Plon (1998), no verbete correspondente, o tratamento não ocorreu pela fala, mas pela escrita. É testemunho disso a intensa correspondência de Freud com Fliess no período em que o próprio Freud faz referência a sua autoanálise a qual, segundo entendi, encerra-se com a publicação de *A Interpretação dos Sonhos* (1898).

A matéria de This, (**Revista Viver Mente e Cérebro. Coleção Memórias da Psicanálise, ed. Especial nº 1 _ Freud e o Despertar do Inconsciente”_Ed. Duetto, p.67, 2003**) depois de relida, chamou minha atenção para um detalhe do encontro de Freud com Herr Freyhau. Ao relê-la me deparei com um elemento interessante. Trata-se da passagem em que o autor do texto, *Bernard This* evoca a viagem de Freud em 1898 à Itália, mais precisamente a Orvieto, pivô do esquecimento de Freud do nome de *Signorelli*, autor dos afrescos da Capela de San Brizio. Sobre esse evento, assinalado por This, há os textos de Freud cuja referência é a seguinte: **Obras Completas. Vol. III. O Mecanismo Psíquico do Esquecimento, ([1898]; vol. VI. Cap. I e III, [1910]).**

Recortei do artigo de This, seu comentário a respeito da experiência de esquecimento do nome *Signorelli*, vivida por Freud, cuja análise aparece no **vol. VI _ O Esquecimento dos Nomes Próprios _ ed. Imago, 2006, p. 19.**

“A função e a importância do analista revelaram-se a Freud (...), quando aventurou-se pela costa oriental do Adriático, na Dalmácia. A **30 de outubro de 1898**, escreveu a Fliess: ‘Parto hoje ao meio dia com Martha para o Adriático, escolheremos como destino final da viagem Ragusa, Grado ou qualquer outro lugar’.” p.67-68)

A partir de Ragusa Freud segue só. Martha fica no hotel por conta de um mal estar. No trajeto conhece um advogado de Berlim, *Herr Freyhau*. Em dado momento da conversação com essa pessoa, desvia do tema que é a impotência, perguntando ao homem: “você já esteve em Orvietto? Recomendo que visite os célebres afrescos de ...”. Esquecera-se o nome do pintor *Signorelli*. De acordo com This, foi deixado pelo interlocutor, que não o auxiliou nem para oferecer uma resposta nem para dizer que pouco importava o nome esquecido, permitindo a Freud haver-se com a questão da falha ou impotência de memória. *Herr Freyhau* foi testemunha de sua impossibilidade de recordar. Bernard This refere-se a isso como esquecimento insuportável, e o silêncio do “companheiro de viagem”, diferente dos demais seria a oportunidade para Freud, segundo This, de fazer a descoberta sobre

“...a função do analista, cuja intenção é ir além do sentido aparente, lá onde o Outro não é mais garantia da Verdade.” (idem, p. 68).

Para This, esta presença silenciosa “era um agente indispensável entre duas sequências de discurso (...) um objeto sempre separável, mas causa da interpretação que dava sentido ao problema experimentado. Esta era a função do analista, inventada e teorizada por Freud, algo que, até então, era apenas posto em prática na sua relação com Fliess”. (idem-p. 69).

Mas a questão relativa à função do analista na verdade é anterior à viagem à Itália. Em nota de rodapé - vol XIV p. 30 – A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO (1914), ed. Imago, 2006 – há uma referência à correspondência a Fliess [cartas 70 e 71 escritas em outubro de 1897]

“Minha autoanálise continua interrompida e eu percebi a razão. Só posso me analisar com a ajuda de conhecimentos obtidos objetivamente (como os de um estranho). A verdadeira autoanálise é impossível (...) Na autoanálise, o perigo da incompletude é particularmente grande. A pessoa logo se satisfaz com uma explicação parcial, por trás da qual a resistência pode facilmente estar retendo algo que é talvez mais importante.”

Se a autoanálise àquela altura já se apresentava como um projeto destinado ao fracasso, pode-se ver agora que não se tratava da necessidade de conhecimentos obtidos objetivamente de um estranho, já que, para que o processo de análise progreda, tem de haver a análise da transferência e das resistências que é o que sustenta o trabalho analítico.

Segundo Laplanche e Pontalis (2001), a **transferência** é o processo através do qual os desejos inconscientes em relação aos objetos se atualizam no âmbito da relação analítica, sendo o analista colocado no lugar desses diversos objetos.

Em publicação de 1923, (vol. XVIII, ed. 2006, p. 264_ Dois Verbetes de Enciclopédia (a) A Psicanálise) Freud fala da natureza sexual das forças formadoras dos sintomas neuróticos encontradas na relação que se estabelece no decurso da análise e à qual ele denominou de transferência. Trata-se da transferência do que chamou de forças que oscilam entre uma devoção especial e uma inimizade do analisando (ambivalência) em relação ao analista cujas características eróticas antecedem a relação atual.

“Essa transferência, tanto em sua forma positiva quanto negativa, é utilizada como arma pela resistência; porém, nas mãos do médico, transforma-se no mais poderoso instrumento terapêutico e desempenha um papel que dificilmente se pode superestimar na dinâmica do processo de cura.”

Dessa forma, se a figura do outro é indispensável no trabalho psicanalítico, qual é o papel desempenhado por esse outro? No artigo de 1912 – Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise – vol. XII, ed. 2006, p. 125, Freud diz que a técnica muito simples consiste em não utilizar qualquer expediente especial, mesmo tomar notas. Fala aqui da escuta que não dirige atenção especial a algo, mantendo “... a mesma atenção uniformemente suspensa”. Se ao paciente cabe a associação livre, a contrapartida disso em relação ao analista é uma atenção de tipo especial expressa pela seguinte regra: “Ele [analista] deve simplesmente escutar e não se preocupar se está se lembrando de alguma coisa” (idem, p. 126, grifos meus)

O que me ocorre nesse momento é fazer uma relação com o fato de no filme o personagem Jun passar longos períodos em frente ao protagonista apenas observando-o ler e recortar matérias do jornal. O silêncio imposto pela barreira linguística que impede uma comunicação no nível da conversação não impossibilita uma comunicação que se dá em outro nível, o inconsciente. Uma relação se estabelece e é possível verificar que implica em amor e ódio. Talvez seja essa relação de tipo especial de que fala Freud e que na transferência permite ao psicanalista analisar as resistências. O essencial na narrativa apresentada pelo filme parece concentrar-se no momento que para mim foi surpreendente. É quando Jun, a quem o mundo interno de Roberto é apresentado, mesmo sem conhecer o idioma do protagonista, numa metáfora para mim do desconhecimento do analista sobre o analisando, coloca uma questão fundamental à qual uma resposta superficial é insuficiente. A resistência, para mim entra em jogo nesse momento. O reenunciar da pergunta dirige a questão, me parece, ao sujeito do inconsciente. Ilustro o que quero dizer com a citação longa do artigo **A Repressão** (Ed. Standard Bras., Ed. Imago – vol. XIV, p.154), que vale a pena ser registrada.

“Ao executarmos a técnica da psicanálise, continuamos exigindo que o paciente produza, de tal forma, derivados do reprimido, que, em consequência de sua distância no tempo, ou de sua distorção, eles possam passar pela censura consciente. Na realidade, as associações que exigimos que o paciente faça sem sofrer a influência de qualquer ideia intencional consciente ou de qualquer crítica, e a partir das quais reconstruímos uma tradução consciente do reprimido – essas associações nada mais são do que derivados remotos e distorcidos desse tipo. No correr desse processo, **observamos que o paciente pode continuar a desfiar sua meada de associações, até ser levado de encontro a um pensamento, cuja relação com o reprimido fique tão óbvia, que o force a repetir sua tentativa de repressão.**” (grifos meus)

A função do analista, nesse sentido, parece relacionar-se, como aponta a citação, à possibilidade de exercer a função de testemunha de uma experiência inédita: a resignificação dos derivados do reprimido. A “tradução consciente do reprimido” parece se dar através do questionamento do que é entendido como óbvio e de sua pontuação disso pelo analista. Ao testemunhar o analisando “desfiar sua meada de associações”, que no filme é representada pela repetição diante do outro do ato ler e de recortar notícias trágicas, divertindo-se com isso, o analista favorece um espaço de resignificação da narrativa pessoal do analisando. No filme, as repetições de Roberto e o sentido conferido por este às notícias consideradas hilárias e sem sentido, entram no lugar daquilo que é inominável da tragédia e da dor da perda que é vivida e paradoxalmente negada.

O filme suscita a questão relativa ao que vem a ser este encontro entre duas pessoas, analista e analisando, que nada sabem uma da outra. Não existem respostas do analista para o analisando; no

máximo são questões que o analisando não se coloca, as quais, quando apresentadas pelo analista, encontram-se nas frestas e nas rupturas da fala, nos silêncios e na corporeidade. No filme, a impossibilidade de uma comunicação no nível do diálogo ilustra o estabelecimento de um vínculo e a partir dele a relação do par analítico com o estabelecimento da transferência. Trata-se de um trabalho de debruçar-se incansavelmente sobre o que é aparentemente trivial e óbvio. Sobre isso me socorro na seguinte citação de Freud sobre algo que anotou de Charcot e que tomou como conselho: “...*olhar as mesmas coisas repetidas vezes até que elas comecem a falar por si mesmas.*” (idem, p. 32)

A repetição em que se transformou a vida de Roberto só é rompida a partir das repetições frente a um outro ‘analista’. Nesse processo Roberto estabelece com Jun um vínculo de tipo especial no qual amor e ódio se apresentam como ingredientes da relação transferencial. Para mim as resistências de Roberto podem ser condensadas em suas diferentes tentativas de expulsar Jun de sua ‘casa’. Poderia ser pensado como metáfora da interrupção da análise.

Não é suficiente, no entanto, que se estabeleça a transferência, a interpretação está associada a ela. Para Roudinesco e Plon (1998, p. 388), a **interpretação**

“... designa qualquer intervenção psicanalítica que vise a fazer um sujeito compreender a significação inconsciente de seus atos ou de seu discurso quer estes se manifestem através de um dito, um lapso, um sonho, um ato falho, de uma resistência, da transferência, etc.”

A interpretação em Laplanche e Pontalis (2001) tem duas referências. Uma aponta para um “destaque (...) do sentido latente nas palavras e nos comportamentos de um sujeito. A interpretação traz à luz o conflito defensivo e (...) tem em vista o desejo que se formula em qualquer produção inconsciente”. A outra estabelece a interpretação como “...comunicação feita ao sujeito, visando dar-lhe acesso a esse sentido latente...”.

Há no texto **O Inconsciente** – Obras Completas (2006). Vol. XIV, p. 180 – uma referência ao efeito da interpretação. Na sessão III do texto – Vários Significados de ‘O Inconsciente _ o ponto de vista topográfico’ – ao referir-se ao ato psíquico que passa pela censura, essa passagem estabelece sua entrada numa segunda fase, assim como o acesso do sistema lcs para o Cs. Mas Freud assevera que esse ato apenas alcançou a possibilidade de tornar-se consciente. Sua entrada no sistema não lhe garante consciência. Pode tornar-se consciente sob certas condições. Nesse sentido, a designação de pré-consciente ao sistema Cs se justifica. Esta hipótese topográfica considera uma separação entre os sistemas lcs /Cs e a possibilidade de que uma ideia possa existir simultaneamente nos dois lugares do mecanismo mental. Diz Freud que se o analista comunica uma ideia reprimida ao analisando, não significa que essa comunicação remove o recalque. Na verdade, essa comunicação não provoca qualquer mudança na condição mental do paciente. Segundo Freud, no entanto, o paciente terá a mesma ideia sob dois registros em lugares distintos de seu mecanismo mental. O primeiro registro é o traço auditivo, marcado sob a forma do que lhe foi dito pelo psicanalista. O segundo é a lembrança inconsciente. A supressão do recalque não ocorre até que a ideia inconsciente entre em ligação com o traço de lembrança inconsciente.

O vínculo Inédito

O filme Um Conto Chinês me auxiliou no sentido de colorir minhas reflexões acerca do tema escolhido para este primeiro trabalho no curso de formação. A ideia de que na relação entre analista e analisando, o trabalho de ambos, com base na transferência e análise das resistências, esteja ancorado no

vínculo que se estabelece, tem na relação de amor e ódio entre Jun e Roberto uma representação desse vínculo. Radmila Zygouris (2003) inicia seu livro falando da introdução no Ocidente por Freud de um vínculo inédito entre duas pessoas, chamando-o de transferência. Para abordar o tema título, ela vai procedendo a uma diferenciação entre vínculo e transferência, explicitando o que é da natureza do vínculo e o que é da natureza da transferência. Para a autora, o vínculo está num campo mais amplo, numa realidade feita de sentires, emoções inconscientes, de sensorialidades que extrapolam o que é específico da sessão analítica. Diz a autora que o vínculo não se interpreta, mas que é o que possibilita a transferência e que esta decorre de uma interpretação.

Ela ressalta ainda que, para muitos analisandos, é no vínculo que se encontra o principal da análise. Ainda que não analisável, ele deve sua existência ao fato de ser vivido no interior da experiência analítica. Sublinha que o enquadre da análise garante que o analista nunca abusará do vínculo, pois não se trata de um vínculo mundano, trata-se de um *vínculo inédito*, inventado por Freud.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

UM CONTO CHINÊS (Arg./Esp. 2011- dir. Sebastián Borensztein).

O PAPEL DO ANALISTA NA SITUAÇÃO TERAPÊUTICA. CEP – Videoteca, volume 69 – Palestras e Debates.

FREUD: O DESPERTAR DO INCONSCIENTE. Revista Viver Mente e Cérebro. Coleção Memórias da Psicanálise nº 1. Ediouro, Segmento-Duetto Editorial Ltda, 2003.

FREUD, S. O MECANISMO PSÍQUICO DO ESQUECIMENTO, [1898]; Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol.III. 2006.

_____ O ESQUECIMENTO DE NOMES PRÓPRIOS [1901]. Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol. VI. Cap. I, 2006.

_____ O ESQUECIMENTO DE NOMES E SEQUÊNCIAS DE PALAVRAS [1901]. Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol. VI. 2006.

_____ A HISTÓRIA DO MOVIMENTO PSICANALÍTICO [1914]. Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol XIV. Imago, 2006

_____ DOIS VERBETES DE ENCICLOPÉDIA (A) A PSICANÁLISE [1923]. Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol. XVIII, 2006.

_____ RECOMENDAÇÕES AOS MÉDICOS QUE EXERCEM A PSICANÁLISE [1912]. Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol. XII, 2006.

_____ A REPRESSÃO, [1915]. Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol. XIV, 2006.

_____ O INCONSCIENTE [1915]. Obras Completas. Ed.Imago: R.J. Vol. XIV, 2006.

LAPLANCHE & PONTALIS. Vocabulário da Psicanálise. Martins Fontes: São Paulo, 2001.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. Dicionário de Psicanálise. Zahar: RJ, 1998.

ZYGOURIS, Radmila. O Vínculo Inédito. Ed. Escuta: São Paulo, 2003.

2º Semestre 2011

Ciclo II

Aluna: Fernanda Zanetti Cinalli

Título: “Do narcisismo à possibilidade de conviver”

“Estávamos numa reunião para a discussão e análise da rede de atenção em saúde pública para pessoas com transtornos mentais. Na discussão, da qual participavam psicólogos, terapeutas ocupacionais e assistentes sociais, integrantes de um Centro Psicossocial (CAPS) em fase de implantação, falava-se das questões levantadas pelas visitas institucionais realizadas por esta equipe e das dificuldades colocadas aos profissionais ao lidar com o usuário do equipamento (CAPS) bem como na relação com outras instituições. Neste momento, um dos psicólogos, ressaltou a importância da análise pessoal para aqueles que trabalham com Saúde Mental, assunto que foi discutido entre a equipe, culminando na afirmação voluntária de todos, exceto uma pessoa (Ana¹), de que estavam em processo de análise. Este grupo vinha se reunindo há meses e alguns aspectos puderam ser observados ao longo deste tempo.

Ana era a única integrante do grupo que nunca havia tido contato com experiências de CAPS, fosse a prática profissional ou estudos sobre o tema. Ana, embora quisesse muito trabalhar com Saúde Pública e Saúde Mental (segundo relatava), não possuía experiência nestas áreas e sempre havia atuado na área de Assistência e Promoção Social. Com o passar do tempo e conforme as reuniões aconteciam nos encontros deste grupo, Ana cada vez mais passou a citar textos que referenciavam suas falas. Desta forma, sempre que fazia um comentário, citava um autor e suas ideias, em especial, Karl Marx.

Concomitantemente, a relação entre os participantes ia ficando mais próxima, mais íntima, aparecendo cada vez mais as afinidades entre eles e também as divergências e conflitos. Estes últimos pareciam frequentemente envolver Ana.

Ana parecia constantemente tentar agradar o grupo, levando lanche para todos para o café da manhã; para a coordenação colocava-se sempre à disposição, assumindo tarefas que demandavam um tempo maior de seu dia, que ia além do seu período de trabalho. Tarefas úteis para o mesmo, mas que pareciam vir acompanhadas de um discurso de “funcionária exemplar”.

Nas reuniões, com exceção de quando ela própria falava, ficava mexendo no seu celular, enviando e recebendo mensagens, que culminavam frequentemente em risos seus, alheios ao grupo. Não com menos frequência, no meio da discussão do grupo, ligava ou atendia o celular e conversava com seu interlocutor.

Na reunião em questão, citada de início, quando da discussão da importância da análise pessoal para o trabalho com Saúde Mental, seguiu-se às afirmações dos integrantes de que estavam em processo de análise, uma série de eventos protagonizados por Ana, que causaram estranhamento nos demais participantes. Ana, já no início da conversa, começou, como de costume, mas aparentemente mais intensamente, a mexer no celular, supostamente enviando e recebendo mensagens. Quando o assunto chegou ao ponto das pessoas assumirem sua própria análise, e como a afirmação de um integrante se

¹ Nome fictício

seguiu a do outro, supostamente indicando que seria a sua vez de fazer algum comentário a respeito, Ana começou a rir escandalosamente. Conforme ria, passou a esconder seu rosto por baixo da gola alta de sua blusa, escondendo seu rosto na blusa. Tal fato provocou certo estarrecimento, estranhamento dos participantes que pararam de discutir e ficaram olhando para ela. Ana dizia: “é muito engraçado”; “foi uma mensagem... é muito engraçado!”. Em seguida atendeu uma ligação e se afastou do grupo para isso.

Quando Ana voltou, o grupo, parecendo incomodado, continuava a discussão do assunto e um dos integrantes afirmou que por mais que ninguém dissesse, todos sabiam que ela, Ana, era a única que não fazia análise, questionando-a sobre o que ela faria para se cuidar, especialmente quando fossem iniciados os atendimentos dos pacientes, provavelmente psicóticos. Tal questionamento gerou um grande desconforto no grupo e Ana respondeu que as questões da área da Assistência e Promoção Social na qual trabalhava anteriormente eram bastante complexas também e que não se preocupava, pois já havia lidado com muitas questões difíceis, com famílias e inúmeras dificuldades sociais. Considerou que esta não era uma questão para ela, afirmando que se cuidava fazendo coisas das quais gostava, como fazer compras no shopping.”

Toda essa sequência de eventos e a história de Ana neste grupo me chamaram a atenção, levando-me a questionar sobre como lidar e como auxiliá-la neste processo de iniciar um trabalho novo que ela diz desejar, mas que parecem lhe impor muitas dificuldades.

Conversando com um psicanalista, ele me disse que as questões trazidas por Ana pareciam ter relação com questões narcísicas e que talvez para que ela pudesse efetivamente contribuir no grupo fosse necessário acolher alguns aspectos por ela trazidos, como as teorizações constantes, que, em geral, causavam em mim certa irritação.

Tal apontamento me fez pensar muito sobre Ana e sua participação neste grupo. Apostando que é possível produzir uma escuta psicanalítica para além dos consultórios, escolhi este trabalho como um exercício de entendimento de Ana e das questões narcísicas que pudessem estar envolvidas na sua participação no grupo.

Contudo, esclareço que tal exercício não tem o objetivo proceder uma análise específica de Ana, visto que não é uma demanda sua e nem seria eticamente aceitável, mas tentar possibilitar uma escuta que possa auxiliar numa intervenção a fim de auxiliá-la neste processo de trabalho em Saúde Mental.

Esclareço ainda que também não é um objetivo deste exercício delimitar possíveis estratégias de intervenção com relação a Ana, visto que extrapolam a meta deste trabalho, a saber: possibilitar um exercício de entendimento com a interface narcisismo a partir da situação relatada anteriormente.

Outra razão que me fez escolher este recorte que envolve o grupo, em especial a participante Ana, foram algumas discussões que tive com colegas do curso de Formação em Psicanálise, com os quais falei do meu interesse pela psicanálise principalmente pela possibilidade de escuta em diversos contextos e para os quais me pareceu ficar confusa tal proposta, fato diante do qual fui incapaz de auxiliar naquele momento. Confusão também minha.

Bom, Narcisismo...

Freud introduz o narcisismo em um texto de 1914, embora tenha utilizado o termo em outros textos anteriores, tal como, em 1910 para designar a escolha de objeto por homossexuais e em 1911, 1912 e 1913 para descrever uma fase intermediária entre o autoerotismo e fase caracterizada pelo amor de objeto (Quinodoz, 2007). No texto de 1914, Freud (2004) apresenta a concepção do narcisismo não simplesmente como perversão ou fase, mas como algo presente em todos os seres vivos, como algo primário e normal.

Em outro texto (Freud, 1996a), designa narcisismo como uma forma de distribuir a libido, direcionando-a ao próprio Eu.

Diante de tantos usos diversos do termo, Hornstein (1989) esclarece que “narcisismo” pode referir-se a uma fase; a um processo de retração da libido sobre o Eu; a um ponto de fixação da psicose; a um tipo de identificação; a atitudes, estados ou traços ou a uma estrutura (estrutura narcísica versus estrutura edípica). Freud destaca a “concepção de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos; contudo, essencialmente, a libido permanece retida no Eu.” (p. 99). E compara a libido e seus investimentos com o protozoário e sua relação com seus pseudópodes que lança em direção aos objetos (Freud, 1996a; 2004).

Assim podem ser exemplos de narcisismo, do direcionamento de libido para o próprio sujeito, o sono, os sonhos e a reclusão e indisponibilidade para o mundo exterior causada por uma doença orgânica, conforme ilustra Freud. Desta forma, “a transposição da libido objetal para a libido do ego (...) situa-se entre os processos normais da dinâmica mental, que se repetem diariamente e a cada noite” (Freud, 1996a, p. 421). Assim, o narcisismo tem uma dimensão normal, fazendo parte da dinâmica da libido conforme o direcionamento que lhe é proporcionado em um dado momento. Desta forma, estamos falando de um dinamismo e não em um direcionamento estagnado, com preponderância para um direcionamento ou outro. Trata-se do narcisismo normal, esperado em todos os seres humanos.

Desde o início da vida, estão presentes no indivíduo, as pulsões auto-eróticas e é necessário que outra ação psíquica seja acrescentada para se constituir o narcisismo, Freud postula um narcisismo primário² que supõe existir na criança. Ele é de certa forma, resultado do narcisismo dos pais que instalam a criança num universo de perfeição: “doença, morte, renúncia à fruição, restrições à própria vontade não devem valer para a criança” (Freud, 2004, p. 110); instalam a criança num reinado, cujo trono é seu, “*His Majesty, the Baby*”.

Freud nos diz que esse narcisismo da criança, o narcisismo primário, é resultado também do narcisismo dos pais, de sua revivescência, através de uma supervalorização característica de escolha objetal narcísica, que compõe a relação pais e filhos. Através deste processo os pais tornam-se compelidos a atribuir todas as perfeições à criança, encobrendo todos os seus defeitos. Freud ressalta que uma análise sóbria a respeito não permitiria tais atribuições. Podemos supor, assim, que os pais ficam enebriados, embriagados³ com aquele a quem atribuem uma possibilidade ilimitada de vida e conquistas, a possibilidade de satisfazer seus desejos e sonhos que eles, os pais, jamais puderam realizar.

Diante desse estado de perfeição e onipotência ao qual a criança é submetida, cujas características a criança passa a acreditar que possui (tais como seus pensamentos onipotentes etc.) surge a questão (Freud, 2004, p. 105): **“por que a vida psíquica se vê forçada a ultrapassar as fronteiras do narcisismo e a depositar a libido nos objetos”?** Freud responde que possivelmente essa necessidade aconteceria quando o investimento de libido no Eu ultrapassasse certa quantidade. Ele afirma que o egoísmo é necessário para não adoecer, mas em última análise, é necessário começar a amar para não adoecer; é

² De acordo com Laplanche e Pontalis (1992), o conceito de narcisismo, especialmente narcisismo primário, geram controvérsias entre diversos autores. Em Freud, narcisismo primário designaria o momento de vida em que a criança toma a si própria como objeto de amor, sendo prévio às relações objetais. Para outros autores, esta concepção de fase exclui a referência a uma imagem de si mesmo, uma relação especular, que aparece desde o Mito de Narciso, que dá origem ao termo (relação especular na qual está implicada um outro, tal como postulado por Lacan (1998) quando discorre sobre o estádio do espelho) e por apontarem a impossibilidade de uma fase anobjetal, tal como Melanie Klein, enfatizando que desde o início se constituem relações objetais.

³ Embriagado, de acordo com o dicionário Aulete (2007, p. 387), além de definir aquele que ingeriu grande quantidade de bebida alcoólica; aquele “que se encantou; extasiado”.

necessário investir no mundo externo, direcionar libido aos objetos. Quando este investimento externo não ocorre, temos o aparecimento de patologias, tais como observados nos delírios de grandeza e hipocondria. Explica (1996a) que parece ser intolerável o acúmulo de libido narcísica a partir de certo nível e supõe que esta pode ser a razão da origem das catexias objetais, tendo sido o Eu obrigado a investir libido a fim de não adoecer devido seu represamento. Enfatiza nesse ponto a tentativa nas neuroses narcísicas de redirecionar a libido aos objetos como tentativa de recuperação.

O narcisismo secundário designa, segundo Laplanche e Pontalis (1992), a retirada da libido dos objetos e o retorno desta ao Eu. Segundo os autores, Freud no texto de introdução ao narcisismo de 1914, utiliza o termo narcisismo secundário para designar estados extremos de regressão narcísica, tais como observados no narcisismo esquizofrênico; mas também uma estrutura permanente do sujeito.

A observação do adulto normal, segundo Freud (2004, p.111), “mostra que seu antigo delírio de grandeza infantil arrefeceu e que os caracteres psíquicos a partir dos quais deduzimos seu narcisismo infantil foram apagados”. E então se questiona: o que aconteceu com a libido? E se seria possível supor que toda a libido fora investida nos objetos?

Conforme exposto anteriormente, há uma parcela normal de narcisismo ou investimento libidinal no Eu, sem o qual não é possível viver, exemplificados anteriormente, como o sono, sonhos ou necessidade de investimento narcísico para o cuidado com a saúde quando adoecemos. Sendo assim, podemos supor que não há um esvaziamento da libido no Eu quando do investimento da libido nos objetos, mas que permanecem um jogo de investimentos ora mais direcionados para fora, ora mais direcionados para o Eu, tal como os pseudópodes dos protozoários, que se direcionam para fora, mas que não fazem inexistir o protozoário.

Com a possibilidade de investimento nos objetos, a criança começa a sair de seu mundinho, do qual é majestade. E paralelamente, vai se inserindo pouco a pouco no mundinho da criança onipotente, o mundo externo (sua família, comunidade, nação). Freud (2004) ressalta que o sujeito não quer perder o narcisismo da infância (narcisismo primário) e, assim, cada indivíduo erige para si um Ideal, imbuído das características de perfeição. O narcisismo, então, é deslocado para este Eu ideal⁴. Assim, o narcisismo, o amor de si mesmo desfrutado na infância pelo Eu real, é desfrutado, agora, pelo Eu ideal. Nas palavras de Freud (2004, p. 112), “O narcisismo surge deslocado nesse novo Eu que é ideal e que, como o Eu infantil, se encontra agora de posse de toda valiosa **perfeição e completude**. (...) O ser humano mostra-se aqui incapaz de renunciar à satisfação já uma vez desfrutada. Ele não quer privar-se da perfeição e completude narcísicas de sua infância”.

Esse Eu ideal parece uma ilusão difícil de sustentar, sobre o qual a realidade promoverá abalos constantes; abalos e realidade que evidenciam que o Eu não é ideal, não é constituído de perfeição e, muito menos de completude.

O Eu ideal surge na tentativa de restituir o narcisismo perdido da infância, quando exatamente a realidade externa, especialmente a educação, mostra-lhe o contrário. À criança que se acreditava perfeita e completa, a educação diz que não é, que lhe falta, que erra, que deve agir de determinada maneira, que não é adequado o que faz, que para atingir um patamar aceitável de conduta deve ... etc.; a educação lhe diz que ela, criança, é um devir, não está pronta e, portanto, deve tratar de se adequar a uma cultura, ética e

⁴ Segundo Quinodoz (2007), no texto de 1914, Freud utiliza ambos os termos Eu Ideal e Ideal de Eu, sendo noções que iria esclarecer nos anos subseqüentes. Para Laplanche e Pontalis (1995, p. 139), não há em Freud “qualquer distinção conceitual entre Idealich (ego ideal) e Ichideal (ideal do ego)”, sendo esta distinção realizada por outros autores depois de Freud. Sendo assim, neste texto serão usados os termos indiscriminadamente, dando-se preferência a Ego ideal / Eu ideal ou a expressão utilizada por Freud no texto em questão.

sociedade já existente e prévia a ela, e, desta forma, lhe é dito que não é o centro do mundo, nem rainha deste.

Freud (2004) explica que as pulsões libidinais por vezes entram em conflito com as concepções éticas e culturais, resultando no recalque. Ele afirma que o recalque parte, segundo ele, da avaliação do Eu sobre si mesmo e que para isso cada indivíduo forja⁵ para si este Ideal, pelo qual mede seu Eu atual. Dessa forma, acrescenta que a condição para o recalque é a formação deste Ideal por parte do Eu, sendo este um grande crivo de avaliação para seu Eu real.

Hornstein (1989, p. 154) explica que o recalque é um resultado possível⁶ ao conflito entre os mecanismos de defesa inconscientes, o sistema de valores conscientes e inconscientes e o Inconsciente e que estaria implicada nesta relação, neste conflito, uma instância recalcante singular, que se encontra relacionada ao Eu ideal, conforme nos diz Freud. Segundo Hornstein (1989, p. 154), esta instância está relacionada aos “valores que o sujeito foi internalizando ao longo de sua infância, que vai definir, em cada sujeito, aquilo que vai ser objeto de recalque, e que vai regular a autoestima de cada um”.

Diante do abismo entre Eu real e Eu ideal, uma pessoa pode tolerar em si própria algumas impressões, vivências, impulsos e moções de desejo ou, ao menos, processá-los conscientemente. Outras impressões, impulsos etc. não são possíveis de tolerar, pois abalariam intensamente sua **consideração de valor sobre si mesma**. Estas, portanto, provavelmente, seriam alvo de recalque.

Desta forma, qualquer aspecto que coloque em xeque o amor por si mesmo, a consideração de valor sobre si, pode ser recalcado, rechaçado, evitado. O recalcado faz referência às pulsões, mas poderíamos supor que o Eu poderia tentar rechaçar, evitar ou mesmo negar aqueles conteúdos do mundo externo, que faria o sujeito sentir ter seu valor diminuído e que mostraria inequivocadamente o grande abismo entre o Eu real e o Eu ideal, como forma de defender-se daquele conteúdo: a exemplo de Ana que tendia a tentar manter-se afastada das discussões ou questões que pudessem evidenciar seu desconhecimento, seu saber incompleto e imperfeito, buscando mostrar seu valor (possivelmente para si mesma) através da sua experiência anterior, através dos autores que teve contato em suas experiências profissionais anteriores – autores que talvez pudessem lhe emprestar e lhe agregar valor, tal como Marx, um dos autores mais citados por ela, que explica a possibilidade de agregar valor aos objetos.

Nesta equação, o que está colocado em xeque é a estima e o conceito do indivíduo sobre si, tendo-se como crivo o Ideal que assumiu para si. Estima e conceito que se abalam diante de algo que lhe mostre a sua não-completude e sua não-perfeição, assim como sua identidade.

Freud (2004) sugere uma instância psíquica especial, habitualmente designada de *consciência moral* que, a partir do Eu ideal “se incumbisse de zelar pela satisfação narcísica e que, com esse propósito, observasse o Eu atual de maneira ininterrupta, medindo-o por este ideal” (p. 113).

A *consciência moral* seria então a incorporação da crítica tanto dos pais, quanto dos educadores, da sociedade e, em última análise, da opinião pública, e procuraria zelar para conservar o amor próprio do indivíduo por si mesmo, baseado na comparação entre o Ideal e o Eu real.

O estado de narcisismo infantil é abandonado principalmente em razão da crítica que os pais exercem em relação à criança, que é interiorizada, culminando numa instância psíquica de censura e auto-observação

⁵ Interessante a definição de “forjar”, que tanto designa fundir ou modelar, quanto inventar situação falsa (Aulete, 2007).

⁶ Tal qual a sublimação, que pode ser um dos resultados deste conflito, cuja diferença com o Ideal do Eu Freud insiste em enfatizar, dizendo que muitas vezes são conceitos confundidos, mas que a constituição de um Ideal de Eu não implica necessariamente na condição de sublimação de pulsões libidinais. Para ele, a sublimação pode ser motivada pelo ideal, contudo, “a ocorrência ou não da sublimação independe desta motivação” (Freud 2004, p. 115).

(distinta do ideal do Eu) que observa incessantemente o Eu atual e o compara com o Eu ideal, imbuído da meta de tentar restituir o narcisismo de outrora. A libido é redirecionada para um Eu ideal “que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal” (Freud, 2004, p. 117), ou seja, o sujeito passa a investir libido neste Ideal e é através da realização deste, que o sujeito pode se satisfazer agora. Desta forma, sua satisfação está relacionada diretamente com a crítica externa, com aquilo que interiorizou a partir das críticas e exigências de outros; só será possível, neste momento, se satisfazer caso cumpra as exigências desta família, cultura, sociedade.

O autoconceito, sentimento de si ou autoestima tem uma dependência muito estreita da libido narcísica e “cada remanescente do sentimento primitivo de onipotência (...) ajuda a incrementar o autoconceito” (Freud, 2004, p. 115), sendo o autoconceito produto de três fatores: do resíduo do narcisismo infantil, da realização do Eu ideal (que confirma uma suposta onipotência ou projeto de onipotência) e da satisfação da libido dirigida aos objetos. Hornstein (1989) sintetiza que o Eu ideal além de definir o objeto de recalque e regular a autoestima do sujeito, sustenta a própria identidade do Eu.

O narcisismo infantil parece poder ser superado somente pela imposição externa de um mundo, sociedade, grupo que é anterior à criança e no qual ela não reina. Desta forma, parece colocar-se nesse movimento que vai do narcisismo primário à possibilidade de convívio em comunidade, o Eu ideal, talvez como peça chave para que esta destituição do poder, seu destronamento, seja possível, preservando, contudo, num primeiro momento, seu autoconceito, sua autoestima, sua possibilidade de crer em si mesma e de investir no mundo externo e em si. Tendo-se o Eu ideal (ou Ideal de Eu) como possibilidade de movimento e investimento em algo, como força motriz na busca deste ideal⁷.

Movimento que tem início desde o narcisismo dos pais, em especial da mãe, que deve acreditar que seu filho a completará (Duvidovich, 1990)⁸. O filho trará a ilusão de completude e com isso, ela poderá investir nele a ponto dele se acreditar como completo e onipotente, aquele que tem tudo e basta à mãe. Esse mecanismo, de crer na completude, de acreditar que se ela, no seu devir, não pôde se tornar completa, perfeita, alcançar seu Ideal, seu filho poderá; coloca em movimento um novo devir. Mas para ele, este novo ser, esse devir, essa possibilidade de completude será concretizada, tal acreditam seus pais.

Ao narcisismo, podemos pensar, cabe então um papel relevante de perpetuador da humanidade (dentre outros fatores importantes para este fim), ao mesmo tempo, em que é colocado (enquanto Ideal) em jogo com a cultura, com a sociedade e suas exigências. O narcisismo não é algo do mundinho isolado do sujeito, mas é produto de uma cultura antes dele, que se relaciona à saída dos pais – viventes desta cultura – de seu próprio narcisismo e a constituição de um Ideal, que culmina (juntamente com outros fatores) na crença de que seu filho pode tudo, que os completará, que concluirá seus planos, seus projetos, seus ideais, e de uma cultura que se insere novamente neste processo permitindo que esta criança saia da sua posição de onipotência e viva em sociedade.

Freud (2004) encerra seu texto de 1914, enfatizando que o Eu ideal abre uma importante via para a compreensão da psicologia das massas, por ser constituído por uma parcela individual e outra social, do ideal comum de uma família, classe ou nação.

⁷ Tal situação me faz pensar nos adolescentes usuários de álcool e drogas, que parecem não crer na possibilidade de (buscar) alcançar algo na vida, me trazem, por vezes, a impressão de não possuírem um Ideal, culminando na impossibilidade, muitas vezes, de construção de um projeto de vida e de investimento para que esse projeto seja possível. Claro que muitas questões se colocam neste ponto, não menos importantes; talvez para um próximo trabalho...

⁸ Nesta relação está implicado o Complexo de Édipo, que não é abordado no texto de 1914, mas que segundo Hornstein (1989) apresenta alguns esboços, que são melhor estruturados no desenvolvimento teórico do Complexo de Édipo e da Sexualidade Feminina.

Segundo Laplanche e Pontalis (1995), em “Psicologia de Grupo e a Análise do Ego”, Freud coloca o Ideal do Eu como base da constituição do grupo humano. No referido texto, Freud (1996b) aponta que enquanto a sociedade cria padrões éticos para o indivíduo, os quais este é incapaz de superar; o grupo apresenta-se para o indivíduo com poder e perigo ilimitados, substituindo a sociedade na função de autoridade.

Freud se propõe a entender os grupos a partir da compreensão das pulsões, da libido na psicologia individual. Compreende que a mesma pulsão sexual é colocada em movimento nos grupos, desta vez, inibida em seu objetivo (sexual), sendo o fator preponderante para a criação de laços duradouros entre os membros do grupo.

Um dos aspectos de grande relevância com relação aos grupos é que os indivíduos que os compõem se comportam de maneira muito diferente em comparação com a forma que agiriam individualmente. Segundo as palavras de Le Bon, citado por Freud (1996b, p. 83), “a peculiaridade mais notável apresentada por um grupo psicológico é a seguinte: sejam quem forem os indivíduos que o compõem, por semelhantes ou dessemelhantes que sejam seu modo de vida, suas ocupações, seu caráter ou sua inteligência, o fato de haverem sido transformados num grupo coloca-os na posse de uma espécie de mente coletiva que os faz sentir, pensar e agir de maneira muito diferente daquela pela qual cada membro dele, tomado individualmente, sentiria, pensaria e agiria, caso se encontrassem em estado de isolamento. Há certas idéias e sentimentos que não surgem ou que não se transformam em atos, exceto no caso de indivíduos que formam um grupo”.

O membro do grupo possui como uma característica a sugestibilidade e a necessidade de estar em harmonia com o grupo, de conquistar o amor deste (versus estar em oposição). Enfatiza que no indivíduo, os sentimentos de aversão e hostilidade por estranhos, causados por divergências e diferenças é a expressão do narcisismo, do amor por si mesmo, que atua na busca da preservação do indivíduo. No grupo, tal intolerância se esvai e o sujeito se acha em condição de aceitar e tolerar as diferenças e divergências no grupo. Assim, enquanto o grupo persiste, seus membros agem com tolerância e comportam-se com uniformidade, não sentindo aversão ou hostilidade.

Tal possibilidade de tolerância observada no grupo, só se torna possível pela limitação do narcisismo. Como já visto, o narcisismo faz contraponto às relações objetais ou investimento de libido nos objetos, sendo assim, esta limitação só é possível pelo laço libidinal estabelecido com os outros membros do grupo – pulsões sexuais desviadas de seus objetivos originais (Freud, 1996b). Quinodoz (2007, p. 215), ressalta que somente “uma ligação afetiva – o amor – tem condições de superar ao mesmo tempo os narcisismos individuais e o ódio que separa uns dos outros”.

Freud explica (1996b), que a identificação é também um mecanismo que possibilita os laços amorosos ou laços emocionais. Dentre outras formas que a identificação pode ocorrer, nos grupos ocorre por percepção de qualidade comum compartilhada com os outros.

O espírito de grupo pode ser derivado da inveja, segundo uma exigência de igualdade e raiz da consciência social e senso de dever. Desta forma, o sentimento hostil, a partir da identificação com o grupo, ou melhor, com seus membros, favorece um sentimento social.

Freud argumenta que um mesmo indivíduo é componente de vários grupos e possui vínculos de identificação em muitos sentidos e com várias pessoas, sendo este sistema de relação entre o indivíduo e os grupos do qual participa (família, comunidade, nação) fator preponderante na constituição de seu Ideal de Eu.

No entanto, em grupo, o indivíduo abandona seu Ideal de Eu e o substitui pelo ideal do grupo (personificado pelo líder). Desta forma, possivelmente, diante de tomar o ideal do grupo para si, mediante a necessidade

de estar em harmonia com o grupo e diante do fato de que as relações entre seus membros são relações libidinais, relacionadas às pulsões sexuais inibidas em seus objetivos, é possível que o indivíduo busque conquistar o amor do grupo, favorecendo sua aceitação perante o grupo e favorecendo a harmonia interna. Na questão colocada de início, possivelmente, Ana, enquanto membro de um grupo, não esteja tornando visível ou aparente *suas* questões individuais (ao menos não unicamente), mas evidenciando as questões do grupo, suas necessidades e relações. Desta forma, a não demonstração de sua incompletude pode favorecer a harmonia interna do grupo, uma vez que busca satisfazer o ideal do grupo de constituir-se onipotentemente como tendo todo o saber na dada área em questão. Afinal, este grupo se reúne com uma tarefa específica de se constituir como equipamento de saúde de referência na área de Saúde Mental. Sendo assim, podemos entender as atitudes de Ana de uma forma mais ampla e talvez elas possam ser entendidas como a demonstração do desejo de todo o grupo de esconder suas deficiências, suas faltas, suas dificuldades.

Ana ao ofertar, presentear o grupo, possivelmente investe libidinalmente no mesmo, favorecendo os laços emocionais entre seus membros (tais como seus outros membros possivelmente fazem de outras maneiras) e mais, favorecendo que se constituam laços permanentes ou, ao menos, duradouros (enquanto o grupo existir), visto que, por serem constituídos de pulsões sexuais inibidas quanto ao seu objetivo, não serão plenamente satisfeitas, garantindo a durabilidade do laço, conforme nos ensina Freud (1996b).

Sendo assim, uma análise de um membro inserido em um grupo é demasiado simplista e na busca do entendimento da questão apresentada de início ou de qualquer questão que implique um grupo, provavelmente não será suficiente. Possivelmente auxilie neste processo, entender Ana como membro do grupo e, talvez, ela represente, mais do que a si mesma, mas o grupo como um todo, sendo uma célula de uma unidade maior, célula que contém a síntese geral do que compõe o todo, o “DNA” que constitui a unidade como um todo.

Na situação exposta de início, podemos entender que a ação de Ana no grupo refere-se menos ao seu narcisismo, mas talvez, analogamente, ao narcisismo do grupo, ao seu “instinto” de auto-preservação, ao investimento dele em si mesmo.

De qualquer forma, parece que outras questões se colocam em pauta, tal como: como poderíamos entender os conflitos e hostilidade presentes no relato da situação inicial de Ana, uma vez que Freud (1996b) nos diz que estes aspectos têm a tendência de desaparecer nos grupos?

A partir do discorrer sobre narcisismo e grupos, buscamos agora uma análise do grupo e não mais dos indivíduos que o compõe. Sendo assim, tal proposta de pensar na questão do conflito do grupo, demandaria um recorte maior que colocasse em cena todos seus membros e a relação entre eles. Tendo essa necessidade em vista, o pequeno recorte da situação, sendo unicamente o que temos em mãos neste momento, não nos permite tal análise. Mas não deixa de ser uma questão interessante. Deixemos para outra ocasião.

Referências

- AULETE, C. Dicionário Caldas Aulete da Língua Portuguesa: edição de bolso. Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2007.
- DUVIDOVICH, E. Narcisismo: uma patologia do nosso tempo. Palestra apostilada, 1990.
- FREUD, S. *Conferências XXVI. Teoria da Libido e Narcisismo*. Edição Standard das Obras Psicológicas de Freud. Salomão (tradução). Vol. XVI. Rio de Janeiro: Imago, 1996a.
- FREUD, S. *Psicologia de Grupo e a Análise do Ego*. Edição Standard das Obras Psicológicas de Freud. Salomão (tradução). Vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996b.
- FREUD, S. À Guisa de Introdução do Narcisismo. Obras Psicológicas de Sigmund Freud. Hanns (tradução). Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- HORNSTEIN, L. A problemática do Narcisismo. In: HORNSTEIN, L. Introdução à Psicanálise. São Paulo: Editora Escuta, 1989, p. 149-160.
- LACAN, J. O Estádio do Espelho como Formador da Função do Eu. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAPLANCHE; PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- QUINODOZ, J-M. Ler Freud. Porto Alegre: Artmed, 2007.

2º Semestre 2011

Ciclo III

Aluna: Luciana B. G. Sarkozy

Título: “Édipo – O complexo do qual muitos adultos nunca escapam” (parodiando NASIO, 2007)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO -----

REFERENCIAL TEÓRICO -----

CASO CLÍNICO -----

BIBLIOGRAFIA -----

INTRODUÇÃO

Escrever sobre o Complexo de Édipo é tarefa hercúlea, embora possa parecer ao leigo algo simples ou até passível de ser explicado em 3 minutos de conversa. O próprio Freud formulou a ideia do Complexo de Édipo ao longo de toda sua obra – a cada momento discorrendo sobre uma particularidade do processo ou mesmo revendo e reelaborando suas idéias.

A partir do legado freudiano, Lacan traz, brilhantemente, uma nova luz ao tema, invocando maior complexidade e possibilidades ainda mais profundas. O tema, se torna assim, tão importante e tão intrincado de variáveis e possibilidades que é passível de estudo de uma vida inteira. Somente alguém como Nasio (2007) para poder sintetizá-lo de forma tão abrangente e objetiva ao mesmo tempo.

Entendendo a profundidade e vastidão do tema, é importante ressaltar que o objetivo deste trabalho é bastante humilde – a aluna se propõe a tentar relatar seu aprendizado teórico sobre o Complexo de Édipo até o presente momento e analisar um caso clínico a partir deste aprendizado. O trabalho será dividido em duas partes: referencial teórico e caso clínico.

REFERENCIAL TEÓRICO

“Muito homem desde outrora em sonhos tem deitado
Com aquela que o gerou. Menos se aborrece
Quem com tais presságios sua alma não perturba” (CAMPBELL, in FREUD, 1900)

Freud (1996a) inicia sua formulação do complexo de Édipo a partir da constatação, em sua experiência, da importância do papel dos pais na vida mental das crianças e, em especial, de como a paixão da criança por um dos pais e o ódio ao outro desempenham papel fundamental na determinação de futuras neuroses. Em seu livro *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1996a) busca, no mito de Édipo, uma confirmação da sua teoria. Em suas palavras, “uma lenda cujo poder profundo e universal de comover só pode ser compreendido se a hipótese que propus com respeito à psicologia infantil tiver validade igualmente universal.” (FREUD, 1996a, p. 287)

De forma rápida, o mito de Édipo conta de um menino (Édipo), filho de Jocasta e Laio (rei de Tebas), que é enjeitado, pois um oráculo conta ao pai que ele será o seu assassino. Laio, com medo da previsão do oráculo, se livra de Édipo. Este é salvo e cresce em corte estrangeira. Confirmando a previsão o oráculo, Édipo, mesmo crescendo longe da família e evitando sua cidade, encontra Laio e numa briga, mata-o, sem saber ser este seu pai. Importante fazer um aparte neste momento da história. Esta é uma parte interessantíssima do mito, pois reforça que nada, nem mesmo a distância ou o desconhecimento o livrará do parricídio, ou à luz da psicanálise, nada livrará o filho de matar seu pai.

Em seguida, Édipo é recebido em Tebas, decifra o enigma da esfinge e lhe é dada a mão de Jocasta como prêmio, com quem casa e tem dois filhos e duas filhas. Ainda sem saber ser Jocasta sua mãe. Novamente, o mito mostra que nada será “perdoado”, nem mesmo a ignorância dos fatos. Ao longo da tragédia, várias pistas são lançadas, as histórias e versões são confrontadas, mas nada leva a verdade, não se quer chegar à revelação.

Uma peste se irrompe e, segundo o oráculo, somente será contida quando o assassino de Laio for expulso da cidade. Neste momento, descobre-se que Édipo é filho de Jocasta e a tragédia se consuma. Édipo abandona sua cidade e cega seus olhos, confirmando que mesmo com as melhores intenções, ou baseado na ignorância do real desconhecimento, o parricídio e o incesto nunca serão perdoados.

Enquanto Édipo não desafia a lei, já que desconhece quem são seus verdadeiros pais, seu casamento é possível, mas quando sabe a verdade tem que ser punido, ele se cega, ou seja, se castra e se submete ao castigo imposto aos infratores. A revelação traz, portanto, a necessidade de controle, pois o incesto é proibido e a castração é o caminho para o crescimento. Metaforicamente, a criança precisa crescer para além dos pais, precisa ficar cega para seu amor em relação aos pais e deve seguir sua vida para fora da família, que é a passagem para a adolescência, o crescimento.

Em 1913, Freud (1996b) irá novamente abordar a questão da importância da proibição do incesto, mas agora numa perspectiva mais sociológica, quando em *Totem e Tabu*, continua sua teoria de que o incesto e o parricídio são desejos naturais dos seres humanos e desenvolve que, em diversas sociedades e

diferentes momentos históricos, a civilização usou de mecanismos, como os tabus, para evitar que o ato se consumasse. Como no mito, embora exista o desejo, ele não só não pode ser levado a ação, como sua proibição deve levar a uma transformação, a uma nova busca. Em Totem e Tabu, Freud mostra que cidadãos de uma fratria têm que buscar cônjuges em outra fratria (FREUD, 1996b, p.27), ou seja, terá de buscar satisfação para seu desejo em outro lugar e não em seus pais, em sua família.

Em sua conclusão em Totem e Tabu, Freud (1996b) generaliza ainda mais a importância do Complexo de Édipo na história da civilização, dizendo:

“Ao concluir, então, esta investigação excepcionalmente condensada, gostaria de insistir em que o resultado dela mostra que os começos da religião, da moral, da sociedade e da arte convergem para o Complexo de Édipo. Isso entra em completo acordo com a descoberta psicanalítica de que o mesmo complexo constitui o núcleo de todas as neuroses, pelo menos até onde vai nosso conhecimento atual.” (FREUD, 1996b, p.158)

Freud conclui aqui que o Complexo de Édipo não somente é essencial para o crescimento, mas também é o que garante a possibilidade da civilização, que só se torna viável a partir da castração. E que este papel civilizatório e castrador do complexo de Édipo também é o “núcleo de todas as neuroses” – todos estão destinados a matar o pai/mãe e a se tornarem neuróticos, para poderem viver em sociedade.

Posto isso, o próximo passo é entender, com mais detalhe, como o Complexo de Édipo se constitui o núcleo das neuroses, que é o tema mais específico deste trabalho.

Para Freud, em especial, baseando-se nos textos o Ego e o Superego (Ideal de Ego) (1996c), e Sexualidade Feminina (1996d), o Complexo de Édipo acontece, resumidamente, da seguinte forma:

Em primeiro lugar, Freud fala, textualmente, que a bissexualidade é “uma disposição inata dos seres humanos”, ou seja, que a identidade sexual será construída ao longo da infância. Ele também diz que esta bissexualidade aparece mais claramente nas mulheres e que o processo do Complexo de Édipo acontece de forma bastante diversa no menino e na menina, como segue:

Édipo masculino: O menino tem como primeiro objeto amoroso a mãe, resultado de todo cuidado e afeto da fase de amamentação e início da vida. Ao longo do seu crescimento, este menino desenvolverá cada vez mais desejos sexuais pela mãe e enxergará seu pai como um obstáculo para a sua relação com a mãe, ou seja, um rival. Também neste momento, o menino se dá conta que tem um pênis e que as meninas não o têm, portanto, passa a temer perder seu órgão tão especial e importante, este medo é denominado complexo de castração. Então, temendo perder seu pênis, que ele seja cortado por seu pai, que não pretende dividir sua esposa, o menino é obrigado a buscar satisfação para o seu desejo em “fratrias vizinhas”, ou seja, em outras mulheres. E passa, supostamente, a se identificar com seu pai.

Neste processo do interdito do pai, em que o menino passará a respeitar uma lei maior, surge o Superego, como nas palavras de Freud, “..conduz a criação de seu superego, iniciando assim todos os processos que se destinam a fazer o indivíduo encontrar lugar na comunidade cultural.” (FREUD, 1996d p.237). E esta lei

se torna uma lei maior, pois todos tiveram e terão que respeitá-la. O complexo de castração simboliza para o menino a saída do Complexo de Édipo e a inserção dele na civilização, na comunidade organizada.

Édipo feminino: O processo para a menina se dá de forma bastante diversa. Como para o menino, o primeiro objeto amoroso da menina é a mãe. Ao crescer, e a menina ainda enamorada com a mãe, se dá conta de que não possui o pênis, ou seja, que sua mãe não lhe deu aquele órgão tão precioso (chamada fase pré-edipiana). Ela tem contato com o complexo de castração – não só ela não tem um pênis, como ele não crescerá, ela tem que lidar com a falta. Neste momento, a menina se revolta com a mãe e se enamora de seu pai – e aqui o complexo de castração marca a entrada da menina no Complexo de Édipo. Ao contrário do menino, o complexo de castração é, para a menina, a entrada no Complexo de Édipo. A menina se apaixonará pelo pai.

Na verdade, Freud abre aqui 3 possibilidades de desenvolvimento para a meninas: (1) a menina abandona sua sexualidade em geral, (2) a menina desenvolve um complexo de masculinidade, que poderá levar a uma escolha de objeto homossexual (o que dependerá do que Freud fala de disposição inata da menina), ou (3) o que ele chama de atitude feminina normal, em que toma o pai como objeto, “encontrando assim o caminho para a forma feminina do complexo de Édipo”. (FREUD, 1996d, p.238). Lembrando, aqui, que a menina ainda terá que voltar a se identificar com a mãe e passar a buscar outros homens como objeto de desejo que não o pai, o que torna o Complexo de Édipo feminino o “resultado final de um desenvolvimento bastante demorado. Ele não é destruído, mas criado pela influência da castração”. (FREUD, 1996d, p.238).

Como desenlace final, a menina, após as etapas de interdição, identificação com sua mãe e o olhar para outros homens, que não seu pai, ela também substituirá o desejo do pênis pelo desejo da maternidade, do filho. Aqui também o Complexo de Édipo e a interdição do amor pai –filha se constituem a possibilidade da inserção da mulher na comunidade civilizada.

Importante ressaltar alguns pontos na breve descrição acima:

- 1- A questão da sexualidade – para Freud (1996d), o Complexo de Édipo será um marco importantíssimo na construção da identidade sexual do indivíduo, como foi brevemente citado no Édipo Feminino acima (três possíveis saídas). Tanto para o processo feminino quanto masculino, há mais de uma saída para o Édipo. Como o caso clínico deste trabalho não entrará na questão da identidade sexual dos pacientes, este, embora seja um tema de extrema importância na psicanálise, não será abordado neste trabalho. Em ambos os casos, Édipo feminino e masculino, haverá uma dessexualização dos pais, tanto por parte da criança, quanto por parte dos pais.
- 2- Freud ressalta que as descrições acima são do Complexo de Édipo simples e que elas são uma “simplificação ou esquematização” (FREUD, 1996c, p.45), pois:

“um estudo mais aprofundado geralmente revela o complexo de Édipo mais completo, o que é dúplice, positivo e negativo, e devido à bissexualidade originalmente presente na criança. Isto equivale a dizer que um menino não tem simplesmente uma atitude ambivalente para com o pai e uma escolha objetual afetuosa pela mãe, mas ao mesmo

tempo, também se comporta como uma menina e apresenta uma atitude afetuosa feminina para com o pai e um ciúme e uma hostilidade correspondentes em relação à mãe.” (FREUD, 1996c, pp.45-46)

Este positivo e negativo e a ambivalência mencionados acima serão a marca desta fase do desenvolvimento. E para fins deste trabalho, é importante ressaltar a importância desta ambivalência de desejo e do amor e ódio em relação ao pai e mãe. Freud trata este assunto com tal importância, que chega a afirmar que:

“não podemos chegar ao ponto de afirmar que a ambivalência de catexias emocionais seja uma lei universalmente válida, e que seja absolutamente impossível sentir um grande amor por uma pessoa sem que esse amor seja acompanhado por um ódio talvez igualmente grande, ou vice-versa. Sem dúvida, os adultos normais conseguem separar essas duas atitudes uma da outra, e não estão obrigados a odiar seus objetos amorosos ou a amar seus inimigos tanto quanto odiá-los. Isso porém, parece resultar de desenvolvimentos posteriores” (FREUD, 1996d, p.242)

Portanto, a possibilidade de se separarem amor e ódio é algo que demandará um crescimento emocional que permita uma saída desta ambivalência de catexias que é a marca da infância e do início da vida de todo ser humano. A passagem desta fase, onde a “ambivalência é a regra” (FREUD, 1996d, p.243), não é uma garantia, mas sim o resultado de um longo processo de amadurecimento, onde o papel dos pais e dos relacionamentos afetivos é inquestionável.

Freud foi bastante criticado e o é até o momento atual, por parecer, aos olhos de muitos, como um homem machista e simplista. Com o complexo de Édipo, a inveja do pênis e a ideia da castração, muitos entenderam sua teoria de uma forma concreta e simplificada. Afinal, cada um lerá sua teoria com suas próprias possibilidades, sejam elas cognitivas, culturais ou mesmo emocionais. A leitura de sua obra permitirá a alguns que se aprofundem, simbolizem, reflitam e a outros provocará grande aversão e medo. Para alguns a inveja do pênis simbolizará a falta e para outros o ridículo da falta de um órgão. Não há como garantir uma leitura única e completa por parte de um vasto oceano de pessoas com os mais diferentes recursos. Quem buscar uma leitura mais profunda verá que mais do que posse, inveja ou medo de castração do pênis, o complexo de Édipo, na visão freudiana, é um processo constitutivo e estruturante, pois:

- 1) É um processo de elaboração dos papéis de mãe, pai, filho.
- 2) É o processo que contribui para a criação de uma identidade sexual, um processo de escolha objetual.
- 3) É a partir do complexo de Édipo que surgirá o Superego, em outras palavras, a internalização das regras civilizatórias, da instância paternal.

É claro que muitos teóricos se debruçaram sobre seus escritos, sua teoria, e a partir dela, se aprofundaram, discutiram, cresceram, especificaram e fica indiscutível, mesmo que criticado, o enorme legado deixado por

Freud. Dentre estes teóricos, destaca-se Lacan, que trouxe uma contribuição a partir da teoria freudiana, mas tornando a teoria do complexo de Édipo ao mesmo tempo menos machista e muito mais complexa.

Lacan (in BLEICHMAR, 1984) descreverá o complexo de Édipo a partir da teoria freudiana, mas sob uma nova e intrigante perspectiva. Para entender sua teoria, é importante destacar alguns conceitos-chave:

Significante: “o significante inscreve algo que é uma ausência, aparece em lugar da coisa, em substituição de uma ausência.” (BLEICHMAR, 1984, p.21). Em outras palavras o significante preencherá a falta de algo, provocando a ilusão de que não há falta. Sua presença será o preenchimento de uma falta. No entanto, esta presença será uma ilusão e não uma reposição objetiva do que falta.

Falo: ao invés de pênis, Lacan traz o conceito de falo. Lacan não fala mais de órgãos, de mulher, homem, inveja de pênis. Ele traz um mundo muito mais subjetivo. Ao invés de se falar da falta do pênis, fala-se no falo como o “significante da falta”. Nas palavras de Bleichmar (1984, p.22):

“O falo é, então, o que aparece como o que está no lugar da falta. Ou seja, o falo é o “significante da falta” significa que o falo é aquilo no qual se inscreve a falta, está em lugar da falta....ao aparecer como uma presença, o falo produz a ilusão, ou possibilita a ilusão de que não falta nada.”

A teoria de Lacan é intersubjetiva, pois a sensação da falta e o papel de cada um dos indivíduos serão, ao mesmo tempo, subjetivos (dependendo do olhar individual) e intersubjetivos (dependendo das relações interpessoas). Ele se desliga totalmente dos papéis concretos e objetivos e sua teoria, embora derive do complexo de Édipo freudiano, transforma-o de forma bastante profunda e significativa. Em Lacan, o possuidor do falo será subjetivo e os papéis de pai, de mãe, de interditor e de filho também poderão mudar - como num teatro em que atores podem fazer diversos personagens. O falo poderá estar presente (significante de uma ausência ou de um desejo) em pessoas, lugares ou coisas diferentes e não apenas no pênis do homem ou do pai.

Para Lacan (in BLEICHMAR, 1984), o complexo de Édipo tem 3 momentos:

Primeiro tempo: Neste primeiro momento a mãe enxerga no filho (leia-se sempre filho ou filha) tudo o que a completa. A mãe, que se sente incompleta, vê no filho seu falo, sua possibilidade de completude. Como diz Bleichmar (BLEICHMAR, 1984, p.29) aqui Lacan segue Freud, pois a mulher percebe a castração, sente que algo lhe falta e busca no filho esta completude. Portanto, o filho é o falo da mãe. E como a mãe o vê como falo, o filho se identifica com esse objeto imaginário, o falo. Ele é o falo e a mãe é suficiente para fazê-lo feliz neste momento. Como falo, a satisfação é ser objeto e não sujeito, ele é o objeto que recobre a falta da mãe.

Bleichmar (1984) destaca aqui um ponto importante para o caso a ser descrito posteriormente. Ele traz a definição da chamada mãe fálica:

“é aquela que sente que nada lhe falta, está completa; neste sentido tem o falo que a completa. Imagina que o que a completa é o pênis; esta é uma versão possível do falo, mas não se tem que

pensar que sempre imagina que o que a completa é o pênis. Todas as insatisfações, as frustrações, os desejos, os sonhos de glória, de rainha, encontram em seu filho a possibilidade de criar a ilusão de que se realizam.” (BLEICHMAR, 1984 pp.29-30)

Na perspectiva do menino, é ele que proporciona tudo isto para a mãe, é ele que a faz feliz.

Aqui também é importante ressaltar que a mãe é a lei, ela não é a representante de uma lei maior, mas ela é a lei (para o filho).

Segundo tempo: Neste segundo momento, o filho se dá conta de que não completa a mãe. Por exemplo, a mãe gosta do pai, prefere o pai para fazer algo, etc. A ideia aqui é que o filho percebe que representava o falo da mãe, mas que não o é. Portanto, existe uma distância entre o que ele representava para ela e o que ele é. Ao se dar conta de que ele não é o falo da mãe, bem como de que a mãe não é tudo para ele, inicia-se o processo de castração simbólica. O filho percebe que a mãe não possui o falo e que ela deseja o pai e assim passa a crer, então, que o pai é o falo. Utilizando palavras de Lacan (in BLEICHMAR, 1984, p.47) “E o menino é profundamente sacudido em sua posição de sujeição (ao desejo da mãe): o objeto de desejo da mãe é questionado pela interdição paterna”. O pai aparece, então, como falo e como grande interditor que dirá: não dormirás com sua mãe. Aqui ocorre a castração imaginária, quando a criança se remete ao pai autoritário, dominador que efetivamente realizará a castração e impedirá a criança de tudo.

Terceiro tempo: este é o momento da castração simbólica, que começou no segundo tempo.

É neste momento que o filho terá que lidar com a ideia de que este grande pai também é castrado e reconhecer a castração de toda e qualquer pessoa. Nas palavras de BLEICHMAR (1984, p. 46):

“... o essencial da castração simbólica: no psiquismo do menino é o reconhecimento da castração da mãe e de toda pessoa, inclusive o pai.Portanto a castração simbólica não é a passagem do domínio da mãe ao domínio do pai, mas consiste na instauração do falo como algo que está fora de qualquer personagem, da mãe ou do pai, que não o pode possuir por seu próprio arbítrio. É por isso que o falo se institui na cultura como uma entidade a partir da qual todos ficam colocados como castrados simbolicamente.”

E assim, o filho é inserido na cultura, entendendo que ele é um indivíduo que não pode tudo, que é simbolicamente castrado e que respeita a lei.

Também passa a perceber o falo como o falo simbólico, o que significa que ele é: (1) “é algo que se pode ter mas não se é”, (2) “pode-se perdê-lo”, (3) “é algo que circula, se dá, se recebe”, (4) “pode ser substituído por outra coisa”(BLEICHMAR, 1984, p.42.)

E assim, segundo Lacan, o indivíduo, castrado simbolicamente, deixaria de buscar o ego ideal para buscar o ideal de ego e se inserir na cultura, sabendo que nada o completará por inteiro, que não há completude.

É importante ressaltar que esta passagem dos tempos como explicada acima é puramente didática, pois as características particulares de cada um dos envolvidos trará uma infinita possibilidade de saídas, desenvolvimentos e fixações. Além disso, existem muitos conceitos e reflexões, como, por exemplo, quanto ao narcisismo de cada uma das personagens em cada um dos tempos do Édipo. Mais do que em Freud, a subjetividade no Édipo lacaniano permite uma vastidão de proposições e entendimentos mais aprofundados de cada um dos tempos e do simbolismo do falo para cada uma das personagens em cada momento.

Não se pode deixar de comentar algo de grande relevância para o entendimento do que foi acima descrito. Quando se fala de pai e mãe, não se refere a especificamente o pai e a mãe daquela criança, mas sim às funções paterna e materna que podem estar sendo desempenhadas por outras pessoas, de gêneros diferentes. Portanto, poderia haver pai e mãe em um casal homossexual, ou mesmo a mãe poderia exercer o papel de função paterna (pai).

Lacan parte da teoria freudiana, mas caminha para um aprofundamento, onde trata não apenas da diferença sexual ou de gerações, mas descreve a constituição do sujeito desejante.

Esta é uma descrição bastante rápida e, porque não dizer, grosseira, do Édipo de Lacan. É importante voltar a dizer que este é um assunto tão profundo e vasto que muitos já se debruçaram e ainda discutem e trazem novas perspectivas sobre o tema. Este é apenas um breve resumo do aprendizado da aluna e que servirá de base para a análise do caso clínico a seguir.

CASO CLÍNICO

Carmem tem 58 anos, é filha de imigrantes japoneses – seus pais vieram do Japão para trabalhar na lavoura. Sua infância é de uma criança nascida na roça. Ficou em casa até aproximadamente 10 anos de idade quando foi para a cidade (eles moravam afastado da cidade) junto com uma irmã. Foram morar na casa de desconhecidos (pais pagavam uma espécie de pensão) para poderem estudar na escola da cidade. Voltavam para visitar os pais uma vez por mês. Nesta vida sem luxo, mas de que Carmem diz ter boas lembranças, ela fez faculdade de biologia, foi para São Paulo e se tornou professora. Algumas de suas palavras ilustram sua experiência na infância:

“Naquela época era normal as crianças irem para a cidade estudar. Eu nunca achei ruim. Só os domingos que eram estranhos, pois é um dia de ficar com a família e eu e minha irmã ficávamos sozinhas, pois estávamos na casa de estranhos.”

“Minha mãe nunca reclamou de nada. Ela teve que enfrentar muita coisa para poder nos dar educação.”

“Eu lembro que precisava de um banquinho para poder alcançar a pia e poder lavar a louça. Eu devia ser mesmo bem jovem.”

“Eu lembro que tive uma boa infância, a gente brincava na rua, ajudava os pais, não tinha nada de luxo, mas não tenho lembranças ruins.”

“Minha mãe sempre me apoiou do jeito dela. Nunca facilitou nada, mas nunca foi contra, por exemplo, eu fazer biologia, o que não era comum para mulheres naquela época”

Ela sempre enfatiza não achar nada ruim, boas lembranças, apoio da mãe do jeito dela. No entanto, suas frases imbuem mágoa, falta da família e, ao mesmo tempo, a crença de que deve-se estar junto com a família.

Carmem não fala japonês e nem foi obrigada a casar com um descendente. Casou-se com um europeu. Seu marido, Thomaz, tem 60 anos, é europeu e veio quando jovem ao Brasil. Sua família continua na Europa, tem um irmão e mãe vivos, mas pouco se comunica com eles. Thomaz tem uma relação muito difícil com sua mãe, que tem mais de 80 anos. Liga para ela poucas vezes ao ano e a vê uma vez por ano, se tanto. As ligações terminam em briga e gritaria e ele fica muito nervoso de falar com a mãe dele – mesmo atualmente. Ou seja, não parece “ter” uma família (de origem). Thomaz está há mais de 35 anos no Brasil, mas ainda tem dificuldade de se comunicar em português. É alto e tem uma grande barriga. Ele é engenheiro e trabalhou por muitos anos em empresas multinacionais. Passou um tempo desempregado, arrumou novo emprego em outro estado e a família se transferiu. Voltaram para São Paulo, quando ele iniciou sua empresa.

Carmem sempre trabalhou como professora até que a empresa se mostrou promissora e ela decidiu ir trabalhar com ele. Desde então, os dois sempre trabalharam juntos na empresa.

Carmem e Thomaz são muito diferentes. Carmem é objetiva, auto-suficiente, agressiva, firme e controladora. Se mostra bastante realista e diz não ter medo de enfrentar os conflitos. Algumas de suas falas:

“Eu aprendi que a gente faz o que tem que ser feito e não só o que a gente quer fazer.”

“Eu sempre cuidei e protegi o Thomaz. Em casa sempre fui eu que coloquei limite nos meninos, dei bronca, fiz estudar, mas também ensinei a respeitarem e admirarem o pai.”

“Eu fui sempre como um muro protegendo o Thomaz. Ele não gosta de lidar com coisas ruins, conflitos, então fui eu que sempre enfrentei os problemas.”

“O Thomaz nunca precisou pensar em nada – eu cuido das contas bancárias, do dinheiro da empresa, do nosso dinheiro pessoal, ele mal sabe o quanto tem de dinheiro.”

“O Thomaz não gosta de escolher restaurante, então sou eu que penso por todos.”

“Ele tem muita dificuldade de lidar com conflito – ele foge do conflito, deixa para resolver depois.”

“Na empresa todo mundo sempre me respeitou e muito. Todos temem a mim. Sabem que quando chega na Dona Carmem...”

“O Thomaz sempre foi omissor.”

Thomaz é um homem passivo, bem humorado, faz brincadeiras, demonstra dificuldade de escutar e ouvir, e facilmente se desliga de assuntos que não o interessam. É capaz de ouvir os outros falarem uma sessão inteira e não expressar sua opinião. Tem dificuldade de marcar dia e horário das sessões, chega no dia e horário errados, ou usa Carmem para lembrá-lo. Não se vê como dono da empresa, mas vê a empresa como um bem de família. Diz que nunca foi presidente da empresa e que não tem perfil para sê-lo. Quer se aposentar e viajar enquanto ainda não precisa de enfermeiro, diz ele. Descreve Carmem como teimosa, controladora e alguém que não muda ou aceita opiniões. Relata que tem medo dela e em algumas

situações já achou que apanharia dela. Diz que deixou de se opor, pois não tinha resultado nenhum, então melhor é concordar. Assume que sempre foi protegido por Carmem e filhos, provavelmente pela sua dificuldade de comunicação. Em suas palavras:

“Quando Carmem põe algo na cabeça, ela fica remoendo, remoendo e não descansa enquanto a gente não concorda. Eu cansei de ir contra, não vale a pena. Faz tempo que eu só concordo.”

“Eles me protegem. Eu não sei nem tirar dinheiro no caixa eletrônico”

“Eles sempre me protegem, acho que é porque acham que eu não me comunico direito.”

“Nós estávamos no carro e ela ficou tão nervosa, que eu olhei para ela e achei que ela ia me bater. Então liguei para meu filho.”

“Olha esse olhar dela – aí vem coisa.”

“Ela parece um disco riscado. Repetindo a mesma coisa, assim ela não soma.”

“A gente está com problemas, mas devia continuar passeando, saindo, viajando, pois temos que esquecer os problemas também.”

“Tá certo, se vocês querem que eu comece a me posicionar, eu vou falar.”

“Eu não sou e nunca fui o presidente da empresa.”

Mesmo com uma descrição breve de nossas duas personagens reais, é possível que se observe a questão edipiana de cada um.

Carmem vive o complexo edipiano feminino – é possível dizer vive, pois a questão edipiana será elaborada e trabalhada ao longo de toda vida. Os resquícios e a saída do complexo serão a marca da neurose de cada um.

E com Carmem não é diferente. Retomando o complexo na mulher, em determinado momento a menina abandona a mãe, que não lhe proveu de falo, para desejar o pai. Este diz que não quer como mulher e ela passa então a se identificar com o pai. Como diz Nasio (2007, p.56): “Da mesma forma que o pai recusou o Falo à sua filha, nega-se agora, com a mesma firmeza, a toma-la como objeto sexual.” E com esta recusa, “a menina, que não poderá ser o objeto sexual do pai, quer ser então como ele.[...]a menina deixa de considerar o pai desejável em suas fantasias edipianas e incorpora sua pessoa no eu.”

Agora esta identificação com o pai, ou sua introjeção, deverá ser contrabalançada com uma identificação com a mãe e não uma identificação que gerará um complexo de masculinidade, ou seja, aonde ela acreditará possuir, ser dona de um falo.

E aqui entra nossa personagem, Carmem, que claramente se coloca perante a vida como detentora do falo, do poder, seja como empresária ou esposa. O clássico modelo da mulher fálica. O mais interessante, no entanto, é que ao olhar seu passado, sua mãe teve uma grande função paterna em sua vida – ela decidia, trabalhava na roça, incentivava as filhas a estudarem e a saírem da vida da roça.

Portanto, Carmem foi criada por uma mulher com função paterna, uma mulher nos moldes fálicos. Então, sua busca por possuir o falo vem da sua mãe e não do seu pai. Difícil dizer se seu pai teve ou não função materna, pois pouco ela falou até agora da figura paterna. Sua mãe parece ter sido muito mais presente.

Outra questão a ser colocada é que Carmem demonstra crer e se agarra com todas as forças à ideia de possuir o falo. Escolhe um marido parecido aos moldes de seu pai e que demonstra pouco perigo ou rivalidade com seu falo. O marido não demonstra querer medir forças, mostrar poder ou mesmo ameaçar, de qualquer forma, o falo de Carmem. E aqui fica claro que Carmem ainda está lidando com as questões do primeiro e do segundo tempo do Édipo Lacaniano. Ela está entre ser o falo da mãe e ter o falo do pai. Uma situação tão idealizada quanto onipotente. Ela pode tudo, inclusive, fingir que seu marido é o presidente da empresa, enquanto é ela que toma todas as decisões.

Carmem se mostra, ao mesmo tempo, forte e frágil. Forte, pois acreditando ser detentora do falo, se mostra corajosa, firme, pronta para guerra. Frágil, pois ela não existe sem o falo. Ainda não realizou a castração simbólica. Ainda não consegue aceitar a falta existente em todos e a fragilidade humana. Luta com todas as forças para continuar vivendo esta onipotência idealizada.

Embora respeite as leis e regras sociais, ou seja, se mostra estar bem adaptada a nossa cultura, vive uma neurose advinda da sua má elaboração do complexo Edipiano.

Thomaz, por outro lado, parece ter sido escolhido a dedo por Carmem. Embora tenha uma identidade sexual masculina, exerce um papel extremamente feminino e passivo. Não realizou ainda a presença da sua potência, do seu falo. Ele parece estar em um lugar ainda mais primitivo que Carmem, pois ainda se sente o falo da mãe. No entanto, ele é o falo de uma mãe que não conseguiu ver nele o grande homem, mas sim um filho fraco, um filho impotente. Ele precisa ser protegido e cuidado, pois não tem potência para lidar com o mundo exterior. Thomaz parece nunca ter vivido o complexo de castração, mas por nunca ter vivido a experiência de ser ou ter um falo potente. Ele ficou preso ao primeiro tempo do Édipo Lacaniano, mas de uma mãe extremamente castradora, uma mãe que não permitiu a seu filho ter poder. Ele é, provavelmente, filho de uma mãe que não divide ou passa seu falo, uma mãe como Carmem.

E o casamento parecia realmente perfeito, pois Carmem e Thomaz realmente se completavam. Ela usava seu poder pelos dois, e não tinha seu falo ameaçado e Thomaz podia, através de Carmem, experimentar a potência de ter um falo.

Se o casamento andava tão bem, o que os levou a buscar terapia? Esta é a parte mais interessante, pois o que traz desarmonia ao casal nada mais é que o complexo de Édipo, não apenas os que viveram e vivem em sua experiência individual, mas num novo triângulo – os filhos.

Thomaz e Carmem tiveram dois filhos – Christian e Marcel, com aproximadamente 29 e 24 anos atualmente. Christian nasceu enquanto Thomaz estava desempregado. Logo depois que Christian nasceu, Thomaz ficou 7 meses desempregado. Durante este período, ele cuidou de Christian. Carmem descreve que Thomaz ficava com Christian, trocava, dava banho. Ela diz lembrar muito de ver Thomaz andando pela casa com Christian no braço e dormindo com ele no colo. Thomaz ficou maravilhado com o nascimento de seu primeiro filho, como uma mãe se enamora de seu filho. Nas palavras de Carmem, “Ele e Christian têm uma relação muito especial, o que já é diferente com Marcel.”

Thomaz se enamorou de seu primeiro filho, seu varão, seu falo. E Christian foi criado em uma família com uma mãe detentora de falo e um pai sem falo, mas que projetou em Christian seu falo, seu desejo, sua completude. Thomaz exerceu para Christian a função materna.

Christian vai crescendo e a relação com o pai se tornou cada vez mais próxima e harmônica. Thomaz não coloca limites, nem obriga a estudar, toda a parte do interdito e do limite fica a cargo de Carmem, que se mostra sempre muito feliz de fazê-lo, mostrando seu poder e reforçando seu falo. E assim, na nova família, Christian é educado por dois pais que ainda não vivenciaram a castração simbólica em sua plenitude. Portanto, não são capazes de transmiti-la aos filhos. Sua mãe é dona do falo, faz questão de demonstrá-lo e não deseja passá-lo adiante, pois teme sua castração. Seu pai tem nele seu próprio falo, sua força. Como Christian fez parte de algumas sessões de terapia, mas nunca individualmente, é difícil dizer com segurança como se elabora o complexo edipiano nele. Mas vale fazer um exercício:

Christian teve seu pai com função materna. O pai é desprovido de falo e viu nele sua potência, a realização de um desejo. Portanto, o primeiro objeto de amor de Christian deve ter sido seu pai, na função materna. Ele também tem em sua mãe os cuidados da função materna. Em algum momento ele percebe que o pai ama a mãe e que ele não é o único objeto de amor do pai. Ele, então, se vira para a mãe e se identifica com ela. Não com sua feminilidade, mas com a detentora do falo. Ele identifica e incorpora esta mãe fálica dentro dele mesmo. E passa, então, a rivalizar com sua mãe. Uma mãe que tem muita dificuldade de lidar com a passagem do falo, ela não quer dividi-lo. Se ele quiser ter um falo, terá que retirá-lo. E assim ele se agarra em ser o falo do pai e na sua identificação com sua mãe masculina. Não haverá “Em nome do Pai”, pois todos desconhecem esta possibilidade. Ter o falo naquela família está ligado ao primeiro tempo do Édipo lacaniano, não há castração simbólica.

Então, ao mesmo tempo em que a relação com o pai parece boa, pois exerce com ele o papel de esposa e marido (ele marido e o pai, a esposa, nos moldes do relacionamento de seus pais), a relação com sua mãe vai se desgastando. Carmem é controladora, intrusiva e não aceita outros falos na casa. Christian se sente o falo do pai, o que significa viver em simbiose com ele, desejo do desejo dele, e também detentor de um falo. Christian e Carmem disputam o poder, disputam a posse do falo, como se ele fosse apenas um e fosse passível de ter apenas um dono. Nesta família existe pouca possibilidade de simbolização.

E é a empresa que será, nas palavras de Carmem, “o ringue da briga”. Mãe e filho disputam o poder da empresa a ferro e fogo. São inúmeras as brigas, com direito a xingamentos, palavrões, gritos, desrespeito e a proximidade de agressão física. Os funcionários são a plateia do grande espetáculo edipiano – mãe e filho brigam como dois rivais. É a luta mítica de Laio e Édipo. Não há lugar para dois – amor e ódio se misturam numa receita explosiva e viciante. Thomaz assiste sem falar nada – suas duas possibilidades de falo estão fora dele. Não assume uma posição, se omite e espera para ver o resultado.

E é neste “ringue de briga” que é possível ver, quase que concretamente, o teatro descrito por Lacan – um teatro em que atores podem fazer diversos personagens. Thomaz muda de cadeira, vive diferentes papéis – por exemplo: filho de Carmem ou irmão de Christian. Christian, filho biológico de Carmem e Thomaz, vive ser marido de Carmem, pai de Marcel e muitas vezes pai de Thomaz.

A situação da família caminha nesta incansável disputa por alguns anos (3 a 5). Sem dúvida, uma briga mítica. Em determinado momento, Carmem se cansa, Thomaz fica ao lado do filho e ela se sente “escurraçada” da empresa pelo marido e pelo filho. Aqui se pode ver uma possível tentativa dos filhos de matar o pai. Novamente, no jogo de papéis, a ideia de Thomaz viver o papel de filho, ao invés de marido de Carmem. Como no teatro de Lacan, Thomaz, marido de Carmem, vive o papel de seu filho, tentando matar seu pai, a própria Carmem.

Alguns meses antes deste desfecho, Carmem e Thomaz procuram terapia para a família. A questão edípica fica declarada a cada fala, a cada sessão. Carmem falou literalmente que se ressentia de Thomaz ter escolhido Christian ao invés dela – novamente aparece a incapacidade de ver o falo circular ou de lidar com a abstração e o simbolismo. Ela e o filho são iguais, rivais que lutam pelo amor de Thomaz, mas mais que tudo, que lutam para serem os detentores do falo.

Em uma das últimas sessões, foi proposto que mostrassem como ficam as relações entre os três com três bonecos – um era Carmem, um era Thomaz e um era Christian. Thomaz colocou ele próprio de um lado e Christian em cima de Carmem – os dois ocupando um mesmo espaço. Carmem colocou Thomaz e Christian juntos, como se fossem pares, contra ela. Eles são incapazes, inclusive, de enxergar um triângulo edípico. Eles demonstram um simbiose e a dificuldade de entender os diferentes papéis na família.

Em uma sessão foi possível falar da relação de passagem claramente – como se fosse uma corrida de revezamento. Carmem disse que ela ainda não estava na hora de entregar o bastão para Christian e que ele arrancou dela. Christian diz que estava esperando há anos o bastão e que a sensação é de que nunca seria passado. O que fica claro é a ideia de um falo concreto, de algo a ser “tomado”, falo é o bastão e só um poderá segurá-lo.

Thomaz denuncia sua falta de falo a cada sessão – esquece horários e assuntos, convida Christian para sessões e esquece porque o fez. A cada sessão com Carmem, procura Christian para desabafar e contar como foi a sessão. Ele faz de Christian seu pai consolador.

Thomaz e Christian declaram ter um mesmo problema – Carmem. Eles sofrem do mesmo problema – o relacionamento com Carmem. Neste momento, eles se tornam apenas um, pai e filho se fusionam em apenas um marido, rival de Carmem.

Christian demonstra seu amor e ódio, a ambiguidade que Freud descreve na primeira infância. Não consegue crescer – faz as coisas igualzinho a mãe, implora por seu falo e seu amor, ao mesmo tempo em que quer matá-la e escurraçá-la. Passa de apaixonado pela mãe para um dragão furioso e inimigo em segundos. Seu amor e ódio estão unidos, fusionados em apenas uma intensa explosão de sentimentos. Da mesma forma com Carmem. O amor pelo falo e o medo de perdê-lo é tão grande e intenso - nas palavras de Thomaz – “quando os dois se juntam é uma explosão, não precisa nem de fósforo para fazer a combustão.”

Christian respeita regras, é trabalhador e segue a lei brasileira, não se droga. É o espelho da mãe. Mas lhe falta a castração simbólica. Dentro da sua família não tem limites, não tem respeito, é onipotente e trata seu pai como o faz sua mãe – protegendo-o de tudo. Não percebe que faz as coisas da mesma forma que a pessoa que mais odeia e ama – sua mãe. Acredita na posse do falo e briga incansavelmente por ele.

Esta família tem um longo caminho pela frente. Pai e mãe precisam de tempo para trabalhar seu complexo edipiano que vem há mais de 40 anos sem elaboração. Christian é jovem e poderá desenvolver com o analista a possibilidade de caminhar nas outras fases do Édipo e, quiçá, entender e vivenciar a castração simbólica, abrindo a possibilidade, assim, de poder passar para seu filho uma nova experiência humana, com um falo como descrito por Lacan:

- Algo que se pode ter, mas não se é
 - Algo que se pode perder
 - Algo que circula, dá e recebe
 - Algo que pode ser substituído por outra coisa.
- (colocar referência)

Porque mais que tudo, a experiência da castração simbólica é estruturante e libertadora. Quem sabe ele conseguirá se libertar desta ditadura do falo que tanto o oprime?

BIBLIOGRAFIA

BLEICHMAR, H. Introdução ao estudo das perversões. Porto Alegre: Ed. Artes Médicas, 1984.

FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. IV A Interpretação dos Sonhos (I) (1900). Rio de Janeiro: Imago, 1996a.

FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XIII Totem e Tabu e outros trabalhos (1913-1914). Rio de Janeiro: Imago, 1996b.

FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XIX O Ego e o Id e outros trabalhos (1923-1925). Rio de Janeiro: Imago, 1996c.

FREUD, S. Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Vol. XXI O Futuro de uma Ilusão, o Mal-Estar na Civilização e outros trabalhos (1927-1931). Rio de Janeiro: Imago, 1996d.

NASIO J-D. Édipo. O complexo do qual nenhuma criança escapa. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

2º Semestre 2011

Ciclo IV

Aluna: Adriana Meyer Barbuda Gradin

Título: “Confiar”

- Análise do conteúdo do filme “**CONFIAR**” sob a ótica do texto de Freud, de 1921, “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, com enfoque específico em seus Capítulos VII e VIII, atinentes à “*Identificação*” e “*Estar Amando e Hipnose*” e do texto “*Além do Princípio do Prazer*”, de 1920, estudados no Ciclo 4 do Curso de Formação do CEP.
- Aplicação dos ensinamentos freudianos no que concerne ao Complexo de Édipo

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem por objetivo fazer uma análise do filme “**CONFIAR**” sob a ótica do texto de Freud, de 1921, “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, com enfoque específico em seus Capítulos VII e VIII, atinentes à “*Identificação*” e “*Estar Amando e Hipnose*”, aplicando, ainda, a tal apreciação os ensinamentos freudianos no que concerne ao Complexo de Édipo e o texto “*Além do Princípio do Prazer*”, de 1920, estudados no Ciclo 4 do Curso de Formação do CEP.

Para tanto, buscar-se-á, *a priori*, fazer uma apreciação do conteúdo abordado no filme, de forma resumida e sinóptica, estabelecendo, sobretudo, a relação entre os seus personagens e os lugares ocupados por cada um deles dentro da estrutura familiar.

Em seguida, caberá trazer a lume a relação amorosa que passa a se travada entre a protagonista do filme – Annie, uma menina de catorze anos – e o seu suposto algoz (Charlie) - visto, a princípio, por ela, como um adolescente idealizado de 15 anos e, portanto, sem quaisquer defeitos, que preenche por completo as lacunas da sua existência adolescente – sendo revelado, posteriormente, como um homem de mais de 35 anos, procurado pelo FBI como abusador de meninas dessa faixa etária.

No curso do filme, a bem da verdade, vão sendo trazidas novas informações acerca da idade de Charlie, de forma vagarosa e paulatina à medida que o suspense vai aumentando quanto à revelação da sua identidade: ele chega a afirmar a ela, pela via da internet (pelo chat no qual se comunicam) que não teria, a rigor, 15 anos, mas, em verdade, 20 anos, aumentando, posteriormente, essa idade para 23 anos, até que, no encontro presencial entre eles, dentro de um Shopping, a verdade é revelada de forma crua, para a surpresa e frustração da adolescente, que, de forma paradoxal, conquanto desapontada com a

constatação de que Charlie deveria ter “mais de 35 anos” (aproximadamente a idade do seu pai), não consegue ir embora e se afastar daquele que mudará a sua vida em definitivo, de forma traumática.

O texto “*Estar Amando e Hipnose*”⁹, então, será utilizado para focar a questão da perda do senso crítico e da instância julgadora que norteia o psiquismo dos seres humanos em geral por ocasião de uma avassaladora paixão, retratando como fica debilitado o superego de Annie, adolescente que, no contexto amoroso familiar, parecia ser dotada de recursos psíquicos e emocionais para reagir à violência planejada por Charlie, que, porém, acaba por se concretizar.

Nesse ponto, será avaliada a questão do esvaziamento do superego e sua ocupação pelo objeto amado e, ainda, a questão de que tal objeto de amor passa a ocupar o lugar da própria instância julgadora da Adolescente, como se houvesse sido estabelecida uma relação de hipnose, na qual Charlie passasse a atuar como hipnotizador e Annie fica praticamente privada de sua capacidade de reação crítica aos atos encenados pela dupla na vida real.

Em um momento seguinte, cumpre apreciar como se efetivara a saída de Annie do Édipo e a reedição do seu Édipo no momento da adolescência, fazendo referências ao texto de Freud alusivo à “*Identificação*”, analisando a relação entre mãe e filha, assim como de pai e filha, com base nos elementos fornecidos pelas cenas mais emblemáticas do filme.

Para tanto, faz-se mister avaliar a relação do casal e a sedução que é encenada por esse homem de “idade aproximadamente do seu pai”, tentando entender porque Annie se coloca como objeto vitimizado de uma relação sexual não efetivamente marcada pelo consentimento, muito menos pelo desejo/libido da adolescente.

Questiona-se, por fim, se a sua entrega ao homem que a iludira e envolvera em seu ardil não teria sido impulsionada por um instinto destrutivo, ou seja, pela pulsão de morte que faz parte de todos os seres humanos, atingindo picos mais elevados na fase da adolescência.

Em seguida, cumpre averiguar a forma como os personagens do filme reagem face à violência consumada e como a estrutura familiar tem de ser totalmente revista, mobilizada, reorganizada para que possa sobreviver ao impacto brutal da violência que se operou.

- O FILME E A SUA NARRATIVA

- *ESTAR AMANDO E A HIPNOSE*

- *A IDENTIFICAÇÃO*

⁹ Capítulo VIII do Texto “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*”, Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII, pg. 121/126, Ed. Imago

Como já restou narrado, trata o filme da estória de uma adolescente, Annie (Liana Liberato), que reside com os seus pais, Will (Clive Owen) e Lynn (Catherine Keener), ainda casados, seu irmão mais velho e uma irmã mais nova, em estado da mais absoluta normalidade para uma vida de adolescente.

O irmão mais velho está prestes a sair de casa para a nova vida na Faculdade; Annie está às voltas com o seu desejo de ser convocada para o time de vôlei da escola e encontra-se encantada com o computador que recebera de presente dos pais; a irmã mais nova atrai os olhares sorridentes da família, com o seu encanto infantil, ao passo que os seus pais aparentam ter uma relação cúmplice e amorosa, ainda mantendo relações sexuais regulares e conversas afetivas, sendo retratados como profissionais focados no seu trabalho e, sobretudo em relação ao pai, como um profissional de alta qualidade, que goza de reconhecimento no seu meio de atuação.

Revelam, ainda, as cenas iniciais que os pais e filhos mantêm uma relação de brincadeiras entre si, conversando sobre os mais diversos temas, o que faz crer que sempre tiveram como princípio familiar um diálogo aberto, sobre temas como drogas e sexo, ainda que respeitadas as diferenças entre as gerações.

Retrata o filme uma conversa entre o pai e filho mais velho que está saindo de casa – com este tom de abertura de diálogo e, em seguida, o pai dirige-se ao quarto da filha Annie, que lhe conta estar falando na internet com o amigo Charlie, o qual, naquela oportunidade, ela acredita ter 15 anos e estudar em uma Highschool em outro estado americano. Eles brincam sobre o tema das conversas na internet e ele, na condição de pai, deixa “aberto” o caminho do diálogo para o futuro.

Ela começa a se comunicar de forma contínua com o suposto adolescente Charlie, em todas as horas do dia e da noite, ao chegar da escola, ao chegar dos treinos de vôlei, antes de dormir e ao acordar e essas conversas com Charlie passam a ser, praticamente, o combustível libidinal para Annie seguir adiante – tanto que atribui a tais conversas a coragem que possui ao pedir para ingressar na equipe de vôlei e acredita, de fato, apenas integrar a equipe posteriormente “por causa do apoio e incentivo de Charlie”!

A vida de Annie passa a ser marcada pelos momentos em que está no *chat* com Charlie, passando, logo em seguida, a falar com ele pelo telefone – o que ela passa a fazer, na oportunidade, sem revelar a seus pais, já como um segredo, face a todas as advertências familiares contra estranhos na internet.

Com a intensificação dos contatos diários – chegando ao extremo de Annie e Charlie se falarem quase 20 vezes em um dia – eles marcam um encontro em um Shopping da cidade de Annie, que comparece ao local sem avisar os seus pais, informando apenas à sua melhor amiga, apesar de já estar ciente de que ele mentira sobre a sua idade, por dois momentos, dizendo, primeiro, que não tinha 15 anos, mas, sim, 20 anos e depois, que já saía da Faculdade e que teria, em verdade, 23 anos.

Ao encontrá-lo, ela verifica que, na verdade, Charlie era um homem maduro como o seu pai, com provavelmente mais de 35 anos, faz uma expressão de surpresa e desapontamento e até mesmo, um

leve esboço de repugnância, custando a acreditar que aquele pudesse ser o Charlie a quem ela devotara tantas horas de veneração, paixão e envolvimento.

Provavelmente, o que gera um certo mal-estar ao assistir a cena é, precisamente, que a expressão facial da adolescente faz o expectador acreditar que ela não sucumbirá ao ardil do homem mais velho que tenta iludi-la, já que é possível extrair, até mesmo, certo nojo do seu olhar de adolescente assustada, mas, ao mesmo tempo, incomodada com o engodo e “em náuseas” com a sua aparência física completamente deslocada da imagem que ela construíra para o seu objeto de amor.

A pergunta que fica no ar, portanto, é precisamente: por que ela decide acompanhá-lo para um sorvete? E pior do que isso, por que ela silenciosamente, entra em um carro com ele e aceita depois o presente que ele lhe entrega (um conjunto de lingerie vermelha) e não consegue negar-se a ir a um quarto com ele e lá consumir uma relação sexual, na qual praticamente ela não tem qualquer participação ativa?

Na verdade, esta cena que se desenrola no quarto, apesar de praticamente silenciosa, sem qualquer gesto brusco por parte do “Charlie”, agora já constituído como um abusador de meninas, afigura-se como uma das mais cruas e violentas cenas de cinema, em que pese não ter a sonoridade correspondente a um estupro ou qualquer ataque.

A bem da verdade, a cena quase é destituída de som e o peso da agressividade do ato de Charlie se eleva se forma silenciosa, muda.

O olhar absolutamente vazio da menina é aterrador; é pesado, é violento em sua crueza.

Isso se agrava porque, no tempo precedente do filme, o que se pensa é que ela tinha todos os elementos amorosos e constitutivos para não se colocar em uma situação de dor e violência dessa ordem do terror.

Posteriormente, em uma de suas sessões de terapia, mostradas no filme, ela diz que, apesar de amar Charlie (quando ainda desconhece que ele fizera o mesmo com mais três meninas da idade dela), no momento em que se encontrava nesse quarto, ela teria ficado como se estivesse flutuando acima da cena, como se estivesse se vendo “*de fora do próprio corpo*”. A esse relato, a terapeuta acrescenta que, quando a dor é tão grande, que seria insuportável para o psiquismo absorvê-la, o corpo “nos retira de cena”.

A cena brutal se consolida, pois, de forma silenciosa e daí deriva a sua força em chocar o espectador. Annie, praticamente sem alma/*anima*, olha para o vazio enquanto a relação sexual é consumada.

Voltando para a sua rotina, Annie não consegue representar em palavras aquilo que vivenciou e afasta-se de tudo e de todos, tentando elaborar sozinha o que teria se passado entre ela e Charlie. Esse afastamento culmina com a tentativa desesperada da melhor amiga de Annie em descobrir quem era aquele homem – com quem a amiga a vira no Shopping – e, por fim, coroando o seu desespero, com a denúncia de

abuso sexual formulada por esta amiga à Polícia local, que acaba levando Annie para ser submetida a exames físicos.

Como se pode esperar, passa o assunto a ser tratado como questão policial, inclusive com a interferência do FBI, por tratar-se de um pedófilo que vinha atuando em diversos estados americanos, seguindo-se à chegada dos pais um novo enfoque do ocorrido: a dor dos genitores em constatar o abuso sexual efetivado em sua filha.

O pai, a princípio, pensa ter-se tratado de estupro, tentando encontrar um jeito de eliminar o agressor. Aos poucos, sobretudo face às brigas que passa a ter com a filha, contextualiza o ocorrido e fica chocado ao ouvir de Annie que ela “ama o Charlie” (para ele, o criminoso) e que tudo é muito diferente do que o pai poderia imaginar.

O pai passa a viver em função de achar qualquer pista desse agressor, associando-se a sites da internet de buscas a pedófilos, buscando satisfações do agente do FBI e fazendo tudo o que pode para eliminar aquele evento de sua família.

Tão obcecado o pai se encontra com idéia de encontrar o tal Charlie que é necessária a atuação da mãe, que faz um corte em tal comportamento, em um cena de ataque momentâneo, na qual ela grita com ele, dizendo que ela não quer mais aquele indivíduo abusador na casa deles (derrubando simultaneamente, todas as fotos e pistas de supostos pedófilos das redondezas).

A filha, nesse período, encontra-se inacessível aos seus genitores, tendo sérias brigas com o pai, marcadas por gritos no sentido de que ama Charlie, que ele a ama reciprocamente e que o motivo de ele ter parado de telefonar e se comunicar pelo chat fora, justamente, a intromissão do pai e da polícia, fazendo de uma relação de amor um caso policial.

Em uma briga mais grave, grita, esbraveja e chega a chutar o seu pai, antes tão próximo dela, expulsando-o do seu quarto de forma violenta, mediante acusações de que tudo o que de ruim estaria ocorrendo entre ela e Charlie seria por conta da intervenção dos pais em sua vida.

Fica bem claro, então, que, nesse momento, o superego de Annie se encontra enfraquecido, aniquilado, sem forças, tendo sido totalmente dominado pelo seu objeto amoroso, na figura de Charlie.

Segundo Freud, em seu texto “*Estar Amando e Hipnose*”(1921), **estar amando** nada mais é do que uma catexia de objeto por parte dos instintos sexuais.

Nesse texto, tentando explicar a condição do **estar amando**, no sentido de investimento de uma catexia duradoura sobre o objeto sexual, associada à necessidade de fazer persistir esse “amor” mesmo em intervalos desapaixonados, diz Freud que:

“Em determinada classe de casos, estar amando nada mais é que uma catexia de objeto por parte dos instintos sexuais, com vistas a uma satisfação diretamente sexual, catexia que, além disso, expira quando se alcançou esse objetivo: é o que chamamos de amor sensual comum. Mas, como sabemos, raramente a situação libidinal permanece tão simples. Era possível calcular com certeza a *revivescência da necessidade que acabara de expirar* e, sem dúvida, isso deve ter constituído o primeiro motivo para dirigir uma catexia duradoura sobre o objeto sexual e para amá-lo também em intervalos desapaixonados”.

Segundo ele, na 1ª fase da vida erótica, a criança escolhe, por volta dos 5 anos, como seu objeto de amor, um dos seus pais e seus instintos sexuais passam a ser unificados nesse objeto. Sucessivamente, incide a repressão nessa sexualidade infantil e esses instintos sexuais são “inibidos em seu objetivo”, ou seja, desviam-se daquela finalidade primariamente sexual e as emoções sentidas pelos objetos de amor passam a ser afetuosas.

Na puberdade, surgem novos impulsos, de intensidade muito forte e esses impulsos são dirigidos a objetos diretamente sexuais. O adolescente, segundo a teoria freudiana, normalmente consegue fazer a síntese entre os dois tipos de instintos (instintos desinibidos/libidinais e instintos “inibidos em seu objetivo”) e a sua relação com o objeto sexual escolhido ensinará a confluência desses dois instintos.

Sente-se, por outro lado, a dimensão da profundidade do amor de acordo com a medida da dimensão dos instintos “inibidos em seu objetivo”

ESTAR AMANDO, para Freud, ensinará as seguintes consequências: primeiro, haverá uma *supervalorização sexual do objeto*; em segundo lugar, esse objeto amado assume um lugar tão especial, que passa a ser quase *livre de críticas*; e, por imperativo de lógica, todas as *características desse objeto de amor passam a ser altamente valorizadas*.

Para Freud, isso se justifica porque, com os impulsos sexuais eficazmente reprimidos, passa a haver uma ilusão no sentido de que o objeto é amado pelos seus méritos espirituais, sendo certo, porém, que esses méritos, em verdade, derivam do encanto sensual, havendo uma forte tendência à falsificação do julgamento, que se dá pela IDEALIZAÇÃO

Por conta da *idealização*, o objeto é tratado como o nosso próprio ego, o que se justifica porque quando estamos amando, uma quantidade grande de libido narcísica transborda para o objeto.¹⁰

Nas palavras de Freud: “Em muitas formas de escolha amorosa, **é fato que o objeto serve de sucedâneo para algum inatingido ideal do ego de nós mesmos**. Nós o amamos por causa das perfeições que nos esforçamos por conseguir para nosso próprio ego e que agora gostaríamos de adquirir, dessa maneira indireta, como meio de satisfazer nosso narcisismo.”(grifos adotados)

¹⁰ In *Estar Amando e Hipnose*, Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII, pg. 122, Ed. Imago

Ao elencar as características do *Estar Amando*, acentua Freud, que, nesse estado particular, há a marca da **humildade**, tornando-se o ego modesto e despretensioso; há, ainda, uma **limitação do narcisismo**, vez que o objeto passa a ocupar o lugar mais sublime e precioso; visualizam-se, ainda, alguns **danos causados a si próprio**, porque os impulsos com inclinação sexual são empurrados ao segundo plano, em nome da idealização do objeto.

Acrescenta Freud, ainda, como características desse estado do *estar amando*, que as **funções do “ideal do ego” silenciam**, já que o senso crítico se cala quanto ao objeto de amor e há uma devoção do ego ao objeto, o que equivale a dizer que o objeto toma posse de todo o auto-amor do ego, que se auto-sacrifica.

Conclui Freud, então, que no estado de *estar amando* o objeto foi colocado no lugar do “ideal do ego”, que equivale ao superego, nos termos da 2ª Tópica do aparelho psíquico, de 1923.

No mesmo texto, por conseguinte, Freud elenca os principais pontos de diferenciação entre os conceitos de **identificação** e de **estar amando**.

Destaca, em relação à **identificação**, que, dada a sua ocorrência, o ego enriquece-se com as propriedades do objeto, haja vista que o ego introjeta o objeto em si próprio, e, ainda que o objeto tenha sido perdido ou abandonado, ele é novamente erigido dentro do ego, o qual efetua uma alteração *parcial* de si próprio, de acordo com o modelo do objeto perdido.

Já no que diz respeito ao **estar amando**, sustenta Freud que, *a contrario sensu*, configura-se um empobrecimento do ego, que se entrega ao objeto, substituindo o seu constituinte mais importante (o ideal do ego ou superego), empobrecimento este que se justifica porque o objeto de amor passa a ser hipercatexizado pelo ego, que nele superinveste às suas próprias expensas e, por conseqüência, como o ego devota-se ao objeto amado, fica ele desprovido de auto-amor.

Aplicando a teoria freudiana ao filme em análise, não há dúvidas de que, no momento em que a adolescente Annie não recusa o ato sexual encenado pelo abusador Charlie, face ao seu profundo envolvimento amoroso com ele ao longo dos meses, há um comprometimento total da sua capacidade crítica, auto-observadora e, sobretudo, há um manifesto empobrecimento do seu ego, sendo o objeto amado – apesar de sua duvidosa honestidade, já que Charlie mentira para ela quanto à sua própria idade – erigido à condição máxima, assumindo uma posição hipervalorizada para Annie, o que a faz restar vazia de amor ao próprio *self*.

Esse vazio é claramente retratado na cena em que ela contempla o teto e o papel de parede – no quarto aonde se desenrola o ato sexual – completamente afastada de si mesma.

A dominação de Charlie sobre Annie é tamanha - apesar de todas as possibilidades psíquicas de que ela dispunha para afastá-lo, dada a sua relação afetiva com os pais – que se mostra válido e esclarecedor trazer a lume a comparação feita por Freud entre os conceitos de *estar amando* e do estado de hipnose, destacando o mestre da Psicanálise que “há, entre eles, um curto passo!”

Para Freud, em ambas as hipóteses, há a caracterização de uma *sujeição humilde* – no estar amando, para com o objeto amado e, na hipnose, submissão à vontade do hipnotizador, do que deriva um *comprometimento da iniciativa própria do sujeito*.

O hipnotizador, assim como o objeto de amor, ocupam o lugar do “ideal do ego” (função de verificar a realidade das coisas e criticá-las) e, como consequência de tal fato, o ego toma por real a percepção do hipnotizador e faz o que ele pede ou afirma (assim como ocorre com o objeto amado).

Há, ainda, em ambas as relações (o **estar amando** e a **hipnose**), uma devoção ilimitada de alguém enamorado, havendo, porém, a diferença de que, na relação hipnótica afigura-se excluída a satisfação sexual.

Todas essas características apontadas por Freud em 1921, nos Capítulos VII e VIII do seu Texto “*Psicologia de Grupo e Análise do Ego*” são facilmente detectáveis no comportamento de Annie que se põe em *sujeição humilde* a Charlie, apesar de todas as conversas que mantivera com seus pais e assume um lugar de menina sem qualquer iniciativa própria, comportando-se na cena do ato sexual como uma “marionete” ou alguém amplamente destituído de vontade – com a exata expressão fisionômica de alguém hipnotizado, dominado pelo seu hipnotizador, o qual, neste caso, era também o seu algoz.

O COMPLEXO DE ÉDIPO NAS MENINAS □ □

Como brilhantemente relatado na obra de J-D. Nasio, “*Édipo, O Complexo do qual nenhuma Criança Escapa*”, há um desenvolvimento um pouco diferente do complexo de Édipo nas meninas, as quais atravessam primeiramente por uma fase pré-edipiana para depois vivenciá-lo.

Cabe fazer uma breve análise no tema, especificamente em relação às meninas, com o intuito de, logo em seguida, analisarmos como se processara, supostamente, tal complexo no caso de Annie, protagonista do filme *Confiar*, objeto deste trabalho.

Face à noção freudiana de **universalidade do pênis**, sabe-se que no período pré-edipiano, por volta dos 4 anos, julga a menina deter um falo (assim como os meninos), e, por este motivo, sente-se onipotente e poderosa. “*É curiosa, às vezes voyerista, exibicionista e agressiva*”.¹¹ Ocorre, porém, um evento da ordem da realidade que tem o condão de ferir o orgulho dessa menina: ela verá o corpo nu masculino, dotado de um pênis, e verá que o menino possui algo que ela não tem. Sua reação imediata será a de decepção, face à constatação real de que “Ele tem algo que eu não tenho!”.

Julga-se, pois, diminuída em seu valor, questionando aquele sentimento de onipotência que, até então, a confortara, passando a crer que o poder está no corpo do outro, no sexo masculino.

¹¹ - J-D. Nasio, “*Édipo, O Complexo do qual nenhuma Criança Escapa*”, Ed. Zahar, pg. 49

A menina experimenta, assim, uma vivência da dor de ter sido privada do falo, que já não é mais apreendido por suas sensações erógenas, mas pelo órgão visível do menino. □ Por parte do menino, o que ele sente, segundo J-D. Nasio, não é dor, mas a **angústia** de castração (angústia de ter a perder) e é esse sentimento que o leva à resolução do Édipo, por medo de perder o falo, bem diferente da menina, que vive a **dor** de uma privação (dor de ter de perdido).

Ela sente-se, então, enganada, humilhada e, ao constatar que a sua mãe não lhe transmitiu o falo e que ela é também desprovida de falo (e, pois, impotente), esquiva-se da mãe, desprezando-a. *Em sua solidão, fica furiosa por ter sido privada e enganada*¹², lesada em seu amor-próprio, ferida em seu narcisismo.

A menina passa a experimentar o que, em Psicanálise chama-se de "inveja do pênis", mas que o autor J.D.-Nasio prefere chamar de "inveja do falo". Segundo ele, esse termo enfatiza melhor o fato de que a menina inveja, de forma infantil, não o órgão peniano do menino, mas, sim, o símbolo de potência por ele encarnado, símbolo que perdera como *imagem de si*.

Entrando em cena a figura do pai, o grande detentor do falo, a menininha, magoada, volta-se para ele para lhe reivindicar seu poder e sua potência, querendo ser tão forte quanto ele e reaver aquilo que perdeu. □ □ A esse pedido, segue-se a recusa do pai, o que põe fim a toda esperança de a menina um dia possuir o mítico falo.

Ela tenta ser, a princípio, ela mesma, a fonte do poder, querendo **ter** o falo, mas, face à recusa, ela quer ir além, ela quer **ser** o falo, ser a favorita do pai, a escolhida por ele como objeto de amor. □ □ Assim, a primeira atitude da menina, de caráter masculino, ativo, no sentido de buscar "ter o falo" e ter a mãe como objeto, é substituída por uma postura feminina e, após sexualizar o pai, a menina entra efetivamente no Édipo, saindo da fase pré-edipiana.

Essa fantasia de prazer é geralmente expressa pela frase: "Quando crescer, vou me casar com o papai". □ □ Ela entra no Édipo com objetivo específico de pedir ao pai que "*faça um curativo em seu narcisismo ferido*".¹³

Nesse momento de entrada no Édipo, a mãe, após ter sido afastada, volta à cena e fascina a filha por sua graça e feminilidade. A menina então, espontaneamente, aproxima-se e identifica-se com a mãe e seu comportamento edipiano inspira-se no ideal feminino encarnado pela mãe, na observação e no aprendizado de como seduzir um homem.

Acontece que, além de ser vista como um ideal, a mãe também é vista como uma grande rival, do que deriva o primeiro movimento de identificação da filha com o desejo da mãe: o de ser a mulher do homem amado e dar-lhe um filho. □¹⁴ □

¹² J-D. Nasio, "Édipo, O Complexo do qual nenhuma Criança Escapa", Ed. Zahar, pg. 51

¹³ idem, pag. 52

¹⁴ idem, pag. 56

Ocorre depois então um fenômeno curioso, mas extremamente saudável no Édipo feminino: uma vez que a menina não pode ser o objeto sexual do pai, ela quer ser então como ele. Assim, ela aceita recalcar o seu desejo de ser possuída pelo pai, sem com isso renunciar à sua pessoa.

Ela “mata” seu pai fantasiado, mas o ressuscita como modelo de identificação e, identificada com os traços masculinos do pai após ter se identificado com os traços femininos da mãe, a menina enfim abandona a cena edipiana, abrindo-se agora para os futuros parceiros de sua vida como mulher. □

Após essa resolução do Édipo e o fluir do período de latência (mais ou menos, dos 7 aos 12 anos), há um retorno do Édipo da menina na adolescência, que também ocorre com o menino.

Segundo J-D. Nasio, “*O menino torna-se homem de uma tacada só, ao passo que a menina torna-se mulher progressivamente.*”, o que define, de forma poética, a imensa trilha que há de ser atravessada pela menina em busca da sua identidade feminina.

No caso de Annie, o filme *Confiar* não fornece dados precisos da sua infância, quer da sua fase pré-edipiana, quer da fase edipiana propriamente dita, mas há a presença de sua irmã pequena a convocar os olhares de todos da família em várias cenas que se passam na mesa do jantar – inclusive o olhar carinhoso e afetivo da própria Annie – o que revela que, certamente, no momento em que se encontrava saindo do seu Édipo, pela diferença de idade entre as duas, ocorrera o nascimento da irmã menor.

Equivale a dizer que, no momento em que buscava a identificação com a sua feminilidade, não pode dispor da atenção especial do seu pai e da sua mãe, envolvidos com o encantamento da chegada da nova filha ao lar.

A ferida narcísica, então, que é o resultado direto do complexo de Édipo nas meninas, acabou por se tornar mais profunda ou dolorosa para Annie, vez que os seus dois modelos de identificação na oportunidade – seus genitores - não podiam lhe dedicar a energia psíquico-libidinal esperada ou devida, para que ela passasse pelo seu complexo sem maiores percalços.

O que se vê no filme é uma Annie adolescente que revive o Édipo de forma inteiramente sofrida, com forte marca de uma baixa-estima que a faz jogar-se “nos braços” de Charlie apenas face à sua declaração do quanto ela era bonita e a sua afirmação de que não deixaria nunca que ela duvidasse da sua beleza.

A sua própria incerteza quanto ao seu corpo, o seu estranhamento, vergonha, desconcerto e baixa auto-estima ao aparecer vestida com a lingerie vermelha que fora presenteada pelo abusador Charlie demonstram o quanto a sua saída do Édipo e a sua revivência desse complexo na idade adolescente traziam marcas e cicatrizes de uma ferida narcísica de larga dimensão.

Annie vivencia, então, um momento fantasioso (além de ardiloso, pois preparado com malícia e perversão) no qual se sente “a favorita”, a poderosa e onipotente, ou seja, ela vivencia naquele momento, na

companhia de um homem que teria quase a idade do seu pai, o Édipo no sentido de “ser o falo” de Charlie, já que não conseguira ser o falo do seu pai, que a interditara na época oportuna.

O grande problema que se apresenta nesse encontro é que não há a presença da identidade feminina de Annie, que se encontra apática, sem vida interna, sem a feminilidade necessária ao escoamento da sua libido de forma genuína, restando, ao olhos de quem assiste a cena, a agressão pura e simples àquela que ainda se apresenta como uma criança e, não, uma mulher.

A reedição do Édipo da adolescência de Annie traz à tona uma ferida narcísica de tal profundidade que acaba por definir, de forma traumática a sua vida e, igualmente, o destino de toda a família, que se vê aterrada pelo drama que se apresenta na vida de todos.

A PULSÃO DE MORTE, O INSTINTO DESTRUTIVO

No *Vocabulário da Psicanálise* de Laplanche e Pontalis, o conceito de “Pulsões de Morte” assim é declinado:

“No quadro da última teoria freudiana das pulsões, designa uma categoria fundamental de pulsões que se contrapõem às pulsões de vida e que tendem para a redução completa das tensões, isto é, tendem a reconduzir o ser vivo ao estado anorgânico. Voltadas inicialmente para o interior e tendendo à autodestruição, as pulsões de morte seriam secundariamente dirigidas para o exterior, **manifestando-se então sob a forma da pulsão de agressão ou de destruição.**”(grifos aditados)

Em “*Além do Princípio do Prazer*”, a partir das observações clínicas e cotidianas, Freud avalia se haveria, de fato, o que se chamava de primazia do princípio de prazer.

A princípio, relaciona *prazer* à diminuição da quantidade de energia livre (ou desligada) e *desprazer* ao aumento da quantidade de energia livre (ou desligada) num dado período de tempo. E acrescenta que o trabalho exigido pelas pressões das pulsões seria, justamente, o de reduzir o nível de excitação, mediante descarga, do que conclui que estaria, então, o **princípio do prazer** diretamente correlacionado ao **princípio da constância**, que consistiria naquela *tendência* do sistema psíquico no sentido de evitar o desprazer.

Segundo revela no texto “*O Problema Econômico do Masoquismo*”¹⁵, a ‘tendência no sentido da estabilidade’, preconizada por Fechner, seria um princípio governante de todos os processos mentais, fundada no propósito do aparelho psíquico de reduzir a nada ou, pelo menos, de manter tão baixas quanto possível as somas de excitação que fluem sobre ele.

Barbara Low [1920, 73] sugeriu o nome de ‘princípio de Nirvana’ para denominar essa suposta tendência e Freud, em sua obra, identifica o *princípio de prazer-desprazer* com esse *princípio de Nirvana*, destacando que todo desprazer coincide com uma elevação e todo prazer com um rebaixamento da tensão mental devida ao estímulo.

¹⁵ in Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX, Ed. Imago

Ocorre que, discorrendo sobre o tema, Freud traz à luz sua nova teoria sobre os “instintos de morte”, revisando o quanto antes propusera sobre a divisão dos instintos entre instintos do ego e instintos libidinais.

Para ele, o *princípio de Nirvana* (e o princípio de prazer, que lhe é supostamente idêntico) estaria inteiramente **a serviço dos instintos de morte**, cujo objetivo é conduzir a inquietação da vida para a estabilidade do estado inorgânico, e teria a função de fornecer advertências contra as exigências dos instintos de vida – a libido – que tentam perturbar o curso pretendido da vida.

Em uma perspectiva esquemática da obra de Freud, poder-se-ia dizer que o **princípio de Nirvana** expressa a tendência do instinto de morte; vinculada a uma redução quantitativa da carga do estímulo; o **princípio de prazer** representa as exigências da libido, característica qualitativa do estímulo, ao passo que o **princípio da realidade** representa as influências do mundo externo, expressando-se em um adiamento da descarga do estímulo e uma aquiescência temporária ao desprazer devido à tensão.

No capítulo VI de “*Além do Princípio do Prazer*” aparece, pela primeira vez, a expressão **pulsões de morte**, nos seguintes termos de Freud: “(...) dois tipos de processos estão constantemente em ação na substância viva, operando em direções contrárias, uma construtiva ou assimilatória, e a outra destrutiva ou dissimilatória. Podemos atrever-nos a identificar nessas duas direções tomadas pelos processos vitais a atividade de nossas duas pulsões, as pulsões de vida e as pulsões de morte?”

E a resposta mais além : “Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre pulsões do ego e pulsões sexuais, mas entre **pulsões de vida e pulsões de morte**.”

Uma peculiaridade da pulsão de morte é descrita por Freud como a tendência, no organismo vivo, a restaurar um estado anterior, inorgânico, uma natureza *conservadora*. E esse caráter de conservação representaria um retorno ao início inanimado, que, paradoxalmente, é o fim do inanimado e o início da vida orgânica e anímica. Em suma: a vida começa da morte e pende ao caminho da morte.

Voltando à apreciação do filme “*Confiar*”, é impossível não pensar na atuação maciça de uma **pulsão de morte/instinto destrutivo** na cena do Shopping no qual Annie se encontra, pela primeira vez, com Charlie, sobretudo porque tudo indica, na cena, que ela mostrará oposição àquela trama ardilosa por ele engendrada, face à sua fisionomia de repugnância e incômodo com a mentira que ela mantivera por tantos meses quanto à sua identidade.

Algo destrutivo, contudo, entra em ação, fazendo-a não resistir, não se esforçar para recuar, entregando-se a Charlie, ainda que sem qualquer desejo, no sentido de pulsão de vida, de instinto libidinal, como se assumisse um estado inanimado e inorgânico, como se ela, como um todo, estivesse investida de uma pulsão destrutiva voltada contra si.

O processo de adolescência apresenta transformações corporais da puberdade acompanhadas de novas demandas pulsionais, obrigando o adolescente a efetivar um árduo trabalho psíquico, no qual se

encontram encartadas a reedição do complexo de Édipo e a demanda de reencontro com a sua própria castração, assim como com a castração do Outro.

Há grandes mudanças estruturais igualmente na esfera do narcisismo, havendo uma verdadeira revisão do ideal do ego e das identificações fundadas na infância com os genitores, sendo a identificação primária colocada à prova, o que exige do superego a busca de novas identificações.

A rigor, fazer escoar o excesso pulsional, na vida de um adolescente enseja uma liberdade extrema que beira a angústia e, dado que a adolescência pressupõe um necessário afastamento daqueles primeiros objetos de amor (os pais) e um reencontro com estes objetos nas novas relações amorosas que nascem é comum que sejam adotados atos extremados, mesclando liberdade e enfrentamento de perigo, como se houvesse, nesse período, um constante duelo entre as pulsões de vida e as pulsões de morte.

A necessidade de fazer um trabalho sintético, como proposta do Curso de Formação do CEP, impede o desenvolvimento particular de todas as teorias psicanalíticas que podem ser aplicadas ao comportamento de Charlie (tipicamente perverso) – que no final do filme – em outra cena de crueza brutal, é retratado em um dia no parque, livre (já que o FBI falha em encontrá-lo em suas buscas), com a sua mulher e seu filho, representando o estereótipo da família feliz americana e encontrando-se com outro casal, acompanhado de uma criança, oportunidade na qual “Charlie” é apresentado ao pai como Professor do seu filho.

Enquanto a cena final de Charlie aponta para a tristeza da impunidade e da dificuldade de lidar com indivíduos dominados pela perversão, a cena final de Annie e seu pai Will, em que pese tratar-se de um momento de profundo pesar, traz à tona, uma forte carga emotiva e um jorro de pulsão de vida sobre a família até então dilacerada pelo acontecimento, já qualificado como estupro.

Pela primeira vez, o pai consegue expor à filha que o seu lugar de “a favorita” sempre esteve marcado, que ele sente profundamente a impotência de não ter conseguido evitar a agressão que ela sofrera, que sempre, no passado, o que mais admirara em sua filha, é que a olhava nos olhos e o que via era uma crença na bondade, uma confiança nas pessoas e no mundo e, sobretudo, uma esperança de que tudo de mal estaria afastado.

Chora profundamente dizendo que jamais conseguiria se perdoar por ter ocorrido algo que roubara aquele olhar esperançoso da filha.

A verdade do diálogo, extremamente comovente, faz ver que, ao menos, podem se estabelecer grandes chances de que aquela família – ou qualquer outra família que vivencie trauma semelhante – possa lidar com um triste evento como o que fora retratado de forma honesta, limpa, lutando passo a passo para conseguir voltar a fazer predominar, dentro daquela estrutura, o laço afetivo que preexistira, cada um fazendo a sua parte para conseguir voltar a *Confiar*.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

- 1) Freud, Sigmund, “Identificação”, Capítulo VIII do Texto “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, texto , Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII, Ed. Imago
- 2) Freud, Sigmund, “Estar Amando e Hipnose”, Capítulo VIII do Texto “Psicologia de Grupo e Análise do Ego”, , Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XVIII, pg. 122, Ed. Imago
- 3) Nasio, J-D., “Édipo, O Complexo do qual nenhuma Criança Escapa”, Ed. Zahar
- 4) Laplanche e Pontalis, Vocabulário da Psicanálise, Ed. Martins Fontes, 12a Ed., conceito de “Pulsões de Morte”
- 5) Freud, Sigmund, “O Problema Econômico do Masoquismo”, in Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIX, Ed. Imago (1924)
- 6) Freud, Sigmund, Capítulo VI de “Além do Princípio do Prazer” , in Edição Standard das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XVIII, Ed. Imago (1920)

2º Semestre 2011

Ciclo V

Aluna: Maria Aparecida Ramos de Stefano

Título: “O amor na relação transferencial e o manejo da transferência”

INTRODUÇÃO

Escolhi o tema do amor para tratar neste trabalho, porque ele me parece crucial na atividade do analista. Ao debruçar-me sobre este assunto, deparei-me com alguns textos que fizeram sentido para mim, porque falam direta ou indiretamente da questão do amor no processo de análise. No momento, não tenho ainda a prática necessária para falar sobre eles a partir de um ponto de vista próprio, mas vou tentar colocar aqui o que, nesses textos, me chamaram mais atenção e me levaram a tirar algumas conclusões.

Para começar, falarei um pouco do que compreendi sobre os fenômenos da “repetição” e da “resistência”, peças chaves na relação transferencial e contratransferencial durante o processo de análise.

A REPETIÇÃO E A RESISTÊNCIA

No seu texto “A dinâmica da transferência” (1912), Freud, logo no início, evoca a transferência como sendo uma “repetição”, isto é, repetir o passado no presente é o que vai movimentar a transferência. Diz ele que essa repetição acontece de forma insensata ou irracional, porque “a transferência foi estabelecida não apenas com base nas ideias antecipadas conscientes, mas também por aquelas que foram retidas ou que são inconscientes”. Como o tratamento analítico visa rastrear a libido para torná-la acessível à consciência, “todas as forças que fizeram a libido regredir se erguerão como ‘resistências’ ao trabalho da análise”.

Aqui já fica muito clara a ligação entre repetição, transferência e resistência. Mais adiante ele acrescenta que essa não é a única causa da resistência. Existe outra, talvez mais poderosa ainda, que está no fato de que “a libido à disposição da personalidade do indivíduo sempre esteve sob a influência da atração das partes de seus complexos infantis pertencentes ao inconsciente, e encontrou um curso regressivo devido ao fato de a atração da realidade haver diminuído. A fim de liberá-la, essa atração do inconsciente tem de ser superada, ou seja, a repressão dos instintos inconscientes deve ser removida”.

Portanto, nesses dois parágrafos, Freud está falando em introversão e regressão da libido, que acontecem devido à frustração da satisfação no relacionamento do indivíduo com o mundo externo. No mesmo texto, Freud acrescenta que a análise tem de lutar contra a resistência oriunda dessas duas fontes. Segundo ele, “cada associação isolada, cada ato da pessoa em tratamento deve levar em conta a resistência e representa uma conciliação entre as forças que estão lutando no sentido do restabelecimento e as que se

lhe opõem”. Por isso, ele direcionou seu trabalho mais focado na resistência do que na cura, e alerta para o fato de que a transferência serve admiravelmente de meio de resistência.

Para compreender melhor o emprego da transferência como resistência, é preciso distinguir dois tipos de transferência: a positiva e a negativa. A transferência positiva pode ser divisível em transferência de sentimentos amistosos ou afetuosos, admissíveis à consciência, e a transferência de prolongamentos desses sentimentos no inconsciente, que a análise demonstra serem oriundos de fontes eróticas. Mais adiante Freud acrescenta: “A transferência para o médico é apropriada para a resistência ao tratamento apenas na medida em que se tratar de transferência negativa ou de transferência de impulsos eróticos reprimidos”.

O que caracteriza a transferência negativa? É a transferência de sentimentos hostis do paciente em relação ao analista. Freud descobre que a relação do sujeito com as figuras parentais é revivida na transferência, naturalmente com a ambivalência pulsional que a caracteriza. Essa ambivalência nas tendências emocionais dos neuróticos é a melhor explicação para sua habilidade em colocar as transferências a serviço da resistência. Diz Freud: “Era preciso que [o homem dos ratos] se convencesse, pela via dolorosa da transferência, que sua relação com o pai implicava verdadeiramente este complemento inconsciente”. A própria divisão que Freud faz em positiva e negativa quando se refere à transferência mostra o parentesco destes termos com os de componente positivo e negativo do complexo de Édipo. Nesse caso, a ocorrência da ambivalência é fundamental, porque, quando a capacidade de transferência tornou-se essencialmente limitada a uma transferência negativa, como no caso dos paranoicos, deixa de haver possibilidade de influência ou cura.

Freud diz que nesse processo de tentar penetrar no reino do inconsciente do paciente através do fenômeno da transferência, haverá uma luta entre o médico e o paciente, entre o intelecto e a vida instintual, uma vez que esses impulsos eróticos reprimidos poderão vir à tona durante a análise. A expressão da vitória é a cura da neurose, porque é tornando imediatos e manifestos os impulsos eróticos ocultos e esquecidos do paciente através da transferência que essa vitória poderá ser alcançada.

Portanto, o manejo da transferência é de importância fundamental durante o processo de análise, mesmo porque, como analistas, estamos trabalhando com material explosivo: as forças do inconsciente.

O fato de ser a transferência um processo estruturante do conjunto do tratamento a partir do protótipo dos conflitos infantis resulta no delineamento por Freud de uma nova noção, a de neurose de transferência. Diz ele: “... conseguimos normalmente conferir a todos os sintomas da doença uma nova significação transferencial, substituir a sua neurose comum por uma neurose de transferência da qual [o doente] pode ser curado pelo trabalho terapêutico”.

CARACTERÍSTICAS DA NEUROSE DE TRANSFERÊNCIA

A primeira característica da neurose de transferência é que ela é inconsciente, uma vez que o paciente a vive sem perceber. Além disso, ela deve ser considerada uma neoformação, um “tecido vivo”, como dizia Freud. Isso porque ela cresce na medida em que o tratamento avança. Uma terceira característica que

Freud atribui à neurose de transferência é que ela é “uma estrutura mental artificial”, ou seja, manejável por um operador (o analista) que, ocupando o centro dessa estrutura, é capaz de desmontá-la, de interpretá-la.

Nos termos lacanianos, pode-se dizer que esse tecido vivo, que é a neurose de transferência, desenvolve-se em torno de um pivô central que é o analista, mas seu objetivo é contornar, englobar, o objeto “analista”. É preciso que ela o contorne, para que ela volte. Quando Freud fala no “investimento libidinal pronto para saltar sobre a pessoa do médico” poderíamos dizer que ele está pronto para saltar sobre a pessoa do médico para voltar à sua fonte, ao ponto de partida.

O AMOR TRANSFERENCIAL E O MANEJO DA TRANSFERÊNCIA

Posto isso, posso falar do que interessa mais diretamente. Devido ao fato de o analista ocupar o lugar central de operador da neurose transferencial, podemos inferir, como já dizia Freud em seu artigo “Observações sobre o amor transferencial” (publicado pela primeira vez em 1915), que as únicas dificuldades realmente sérias que o analista tem de enfrentar residem no manejo da transferência. No artigo citado, ele fala de uma situação particularmente difícil pela qual o analista pode passar que é a de uma paciente que se enamora de seu médico.

Neste caso, amor significa enamoramento. Na verdade, a transferência em si está sempre vinculada à questão amorosa. Mas existem três tipos de amor: o primeiro é o amor incondicional, divino (Ágape), não personalizado, como, por exemplo, o amor de Cristo pela humanidade; o segundo é o amor humano (Philia) em que amamos as pessoas que reconhecemos como sendo iguais, e só as amamos enquanto elas corresponderem às nossas expectativas, ou seja, enquanto forem “boas” conosco; o terceiro tipo de amor (Eros) é o amor erótico, aquele que tem relação com a sexualidade.

Esses três tipos de amor podem aparecer durante o processo analítico, mas vou tratar aqui, especificamente, da situação em que aparece o amor erótico do paciente em relação ao analista. Há várias razões para que isso aconteça. Em primeiro lugar, porque em toda análise está implícita uma demanda de amor. Em segundo lugar, porque em nossa cultura atual as pessoas não se escutam mais umas às outras; cada um só escuta a si mesmo. Quando está em análise, o paciente sente que é “ouvido”, cuidado por outra pessoa. A escuta do analista é interessada. Além disso, quando a pessoa escolhe seu analista, o escolhe pelos traços que ele tem. Isso favorece o amor. Além disso, o amor transferencial é o amor pelo objeto proibido. Isso está ligado ao cenário edípico. Uma das condições para a pessoa neurótica se apaixonar é que o objeto do seu amor não seja acessível. Essa inacessibilidade do objeto estabelece uma dinâmica com os desejos recalçados e talvez o objeto fantasiado como interditado torne menos necessário uma reatualização do recalque, no sentido que eles não precisam se tornar sintomas, como na histeria de conversão, e pelas mesmas razões o amor transferencial pela figura do analista seja facilitado.

Do ponto de vista da paciente, há três desfechos possíveis para o seu enamoramento: 1 - casar-se com o analista; 2 - manter com ele uma relação ilícita, e nisso ela teria tido êxito em atuar (acting out), ou seja, em repetir na vida real o que deveria apenas ser lembrado; 3 - abandonar a análise. Do ponto de vista do analista, Freud diz que “ele deve reconhecer que o enamoramento da paciente é induzido pela situação analítica e não deve ser atribuído aos encantos de sua pessoa”. O analista sabe que, nessa situação, ele

não pode negar nem anuir ao desejo da paciente, mesmo porque, inconscientemente, ela está lhe dizendo: “Não me dê o que estou lhe pedindo, porque não é isso que eu quero”. Porém, é tão desastroso para a análise que o anseio da paciente por amor seja satisfeito quanto que seja reprimido.

Como o analista pode lidar com a situação em que o desejo do paciente não pode ser satisfeito nem reprimido? Ao responder essa pergunta implícita no problema, Freud diz que o analista “deve manter um firme domínio do amor transferencial, mas tratá-lo como irreal, como uma situação que se deve atravessar no tratamento, e remontar às suas origens inconscientes, o que pode ajudar a trazer tudo que se acha muito profundamente oculto na vida erótica da paciente para sua consciência e, portanto, para debaixo do seu controle”.

Ao ler o texto de Freud, fiquei com a impressão de que, na prática, essa é uma situação muito difícil de ser contornada e cada situação específica vai demandar uma resposta diferente do analista. Assim, dependendo do que o paciente traz naquele dia, o analista pode ou fazer uma brincadeira, ou ficar em silêncio ou responder algo que seja uma forma de não responder.

Mas, ao ler o livro “Como trabalha um analista”, do professor Nasio, fiz novas reflexões sobre o assunto e cheguei a algumas conclusões. Antes de falar quais são elas, eu gostaria focar alguns pontos que achei complexos da teoria lacaniana, mas que, se os entendi bem, me deram um norte para lidar com o assunto.

A SIGNIFICAÇÃO TRANSFERENCIAL

É o desejo que produz os sintomas do analisando. O professor Násio, no livro citado, diz que os sintomas se dirigem ao analista. Mas, para que isso aconteça, é preciso que o analista encarne, por suas atitudes e comportamento, pelo tom da voz, pelo modo de dar a mão, por todas as suas manifestações, a expressão imaginária do objeto insatisfatório da pulsão, ou seja, o falo. O analista, portanto, encarna o falo imaginário. Ora, o objeto da pulsão é um objeto insatisfatório, pois, sabemos que a pulsão permanece, por natureza, insatisfeita. Portanto, é preciso instaurar a falta. Isso só é possível, como método, se o analista servir-se de Eros, servir-se do amor. Freud já se perguntava o que é dessa esfera amorosa que é dar o que não se tem? Como podemos dar “a falta”?

A partir daí tentei entender o que Lacan chama de “desejo do analista”, que me pareceu explicar o que significa a dar “a falta” na relação transferencial. Sabemos que a própria formação do analista está no desejo de ser analista. Diz Lacan que é o “desejo do analista” que possibilita a instauração do laço transferencial. Mas o que Lacan chama de “desejo do analista” não quer dizer o desejo da pessoa do analista, de tornar-se analista, mas sim o lugar de objeto que ele ocupa. Então, existe de um lado o psicanalista, sua pessoa, seu Eu e de outro o lugar que lhe é atribuído, que pode ser chamado de objeto atrator, ou na expressão consagrada dentro da teoria lacaniana, o lugar do objeto a.

O LUGAR DO ANALISTA

Se o analista procura se aproximar da expressão imaginária desse objeto, ele institui, automaticamente, a dimensão importante do grande Outro, o interlocutor das mensagens que o analisando lhe dirige. As

chamadas demandas de amor vão dirigir-se a ele na posição de grande Outro, do lugar simbólico do analista, do Sujeito Suposto Saber, da autoridade.

Assim, num primeiro tempo da demanda de amor, o analisando quer que o grande Outro lhe dê. Por isso, é preciso que o analista ocupe esse lugar imaginário que recobre o objeto, senão a pulsão vai se converter em pulsão pura. Aí não haverá grande Outro referente, mas passagens ao ato, uma espécie de desnudamento do objeto.

A RECUSA COMO FORMA DE MANEJO

Nesse ponto, volto à questão do enamoramento e o manejo do analista. Falando em termos lacanianos, aqui entra a questão da recusa, que no texto sobre “os tipos de entrada na neurose”, Freud chama de frustração. A recusa é constituída, antes de tudo, por toda a situação analítica, no estabelecimento das regras que vão funcionar no setting, como o uso do divã, a regra fundamental da associação livre, etc. Ela não significa apenas a reserva do analista, a nãoresposta às demandas de amor, mas implica na abstinência mais extrema no caso da situação analítica. É como se ele dissesse: “Eu não sou objeto sexual”. Mas essa recusa não é uma interdição, é um “recusar-se a si mesmo” e isso volta para si. Essa volta para si é pensar na experiência analítica como um campo sexual, como um campo pulsional. Se o analista encontrar essa recusa em si, ele vai adotar uma posição apropriada à experiência do tratamento.

Vou falar agora do ponto na teoria lacaniana sobre o lugar do analista, que me levou a desenvolver um raciocínio até aqui.

FAZER SILÊNCIO EM SI

Diz Lacan em seus Escritos: “O analista só está verdadeiramente disponível para a escuta, isto é, só consegue verdadeiramente transformar os derivados inconscientes do seu paciente em uma interpretação ou em uma percepção alucinada com a condição de deixar, de abandonar, separar-se do seu Eu, de fazer calar em si as ambiguidades, os enganos e erros do discurso intermediário, para abri-se enfim à cadeia das palavras verdadeiras”. Isso pode, nas palavras do professor Nasio, ser resumido na expressão “fazer silêncio em si”. Trata-se de uma nova realidade psíquica, diferente da realidade de dominância imaginária, uma realidade organizada em torno da ausência da referência fálica, sem componente egóico, uma realidade paralela ao Eu.

Isso significa deixar de lado os diversos suportes construtivos do Eu: o tempo, o espaço, as outras pessoas, a comunidade psicanalítica, toda observação ideal, todo objetivo, todo sujeito-suposto-saber. É preciso abandonar tudo isso durante o momento de “fazer silêncio em si”. Nessa hora somos objeto: “Sou onde não há Eu”; “Sou onde não penso”; “Sou onde não há outro, nem pequeno outro, nem grande Outro”. Portanto, o lugar do analista não é um local; ocupar o lugar do analista significa mudar em si uma estrutura subjetiva, significa “fazer o silêncio em si”.

Tenho certa experiência de, em algumas situações da vida cotidiana, me calar internamente, de “fazer o silêncio em mim” e ficar nesse lugar em que “Sou onde não penso”. Esse lugar é um estado em que fico

numa outra estrutura psíquica, em que fico fora do meu Eu habitual. E percebo que esse lugar é concentrador de uma grande carga libidinal, como se diz em psicanálise e que, no caso do analista, terá o poder de atrair, de concentrar em torno de si o desenvolvimento da transferência.

CONCLUSÃO

Ainda não tive a oportunidade de ocupar, na prática, o “lugar do analista” e tentar ficar verdadeiramente disponível para a escuta. Entendi que somente uma escuta que parta de um lugar onde não penso, poderá me levar a manejar de forma correta as relações transferenciais com as quais vou me deparar durante a vida prática de analista, a lidar com a questão do amor transferencial, seja ele da ordem do enamoramento ou não. Isso não significa que vou deixar de estudar muito, de me preparar, de me instrumentalizar, mas, acima de tudo, significa que vou tentar “fazer silêncio em mim”, para que a voz que sair de mim seja uma voz boa, vinda de um lugar rico, pleno, condensador de uma alta carga libidinal, uma voz pronta a transformar-se em interpretação.

Para mim, o verdadeiro amor, o amor produtivo que o analista pode dispensar ao paciente é este: abandonar o seu Eu para ir, por um instante, para esse lugar, o lugar do “silêncio em si”. Penso que a finalidade de uma análise é ensinar o paciente a amar, e só pode ensinar a amar aquele que ama.

BIBLIOGRAFIA

- 1 - A Dinâmica da Transferência – Freud - Obras Completas – Vol. XII.
- 2 – Observações sobre o Amor Transferencial – Freud – Obras Completas – Vol. XII.
- 3 – A Natureza da Transferência – J. – D. Nasio – Como Trabalha um Analista.
- 4 – A Contratransferência e o Lugar do Analista – J. – D. Nasio – Como Trabalha um Analista.
- 5 – Vocabulário da Psicanálise – Laplanche e Pontalis
- 6 – Anotações de aulas.

2º Semestre 2011

Ciclo VI

Aluna: Claudia Pereira Freire de Lima

Título: “Caso Renato – Inclassificável?”



**"Se eu não fosse Alexandre, queria ser Diógenes."
(Alexandre, o Grande).**

Três anos se passaram e estou aqui me colocando diante desta comunidade analítica como analista. Para tal empreitada, decidi escrever um caso que tem exigido elaborações psíquicas permanentes.

Renato, um advogado de 33 anos, cujo funcionamento psíquico pode ser comparado a uma “rave”, chegou para sua primeira sessão tenso e deprimido, dizendo que veio porque não conseguia desligar, não dormia há dias, só conseguindo tirar uns cochilos depois que organizava seus pensamentos, de modo que eles ficassem como os livros de sua estante.

Renato se colocava com trejeitos femininos, uma voz de menininha aparecia entre as frases. Ainda na primeira sessão já falou sobre seu ódio em relação à cidade de São Paulo – Renato é de uma cidade do interior e há seis anos escolheu construir sua vida adulta em São Paulo, mais precisamente na região da Paulista. Disse que abusa do álcool para relaxar e dormir, não consegue ficar em seu apartamento, que diz ser lindo e todo organizado. Renato não suporta ter nada quebrado em casa, ou fora do lugar, como se uma voz o acusasse de não ter cuidado com suas coisas – um dedo apontado para sua cabeça, um dedo com voz que lhe ordena *“faça direito”*.

As primeiras sessões foram pesadas, a presença dele era constrangedora, um semblante fechado com reclamações sobre a cidade – um estrangeiro que não se adaptava, mergulhado em luto, sem possibilidade de elaboração. Luto em relação a vida que deixara *“quando eu chegava do colégio ia andar de skate”*. Dizia estar afundado na melancolia. Durante oito sessões não apareceram pessoas em seu universo, só coisas, a cidade horrorosa, o capitalismo – um ódio avassalador que o estava sufocando. Em algumas sessões ele chegava cansado dizendo que não estava respirando bem, e quando começava a falar mal da cidade e do capitalismo – agindo como se eu não estivesse ali – a respiração voltava ao normal, ele se permitia encostar as costas na poltrona.

Renato já havia tentando um processo analítico, sem sucesso. Ficou por cinco meses, mas disse que não conseguia ficar na presença da analista *“ela não falava nada e nunca me disse para que serve o divã”*. As primeiras sessões aconteceram em vários horários, ele me advertia que eu ia cansar dele como as outras pessoas. Nesses momentos eu perguntava sobre essas pessoas, além de sustentar que, para haver um processo analítico é necessário abrir espaço para ele, e que isto às vezes demora, os horários precisariam ser experimentados ***“há que haver certa flexibilidade no início”***¹⁶.

Por volta do terceiro mês ele conseguiu dizer que gostaria de viver uma paixão, pois sem paixão a vida fica insuportável. Contou que sai com muitas garotas, mas que não se fixa em nenhuma, porque se outra der *“bola”* ele a quer também. Dizia que as mulheres de São Paulo não querem saber de homem romântico e constrói o seguinte pensamento: *“Se o cara olha para a garota, ela já pensa que ele é um safado, não quer nada sério. A garota já fica assustada”* Identificado com a garota segue dizendo que espera todas as sextas com a esperança de que algo aconteça, escolhe uma garota e a leva para casa. Pela manhã a garota vai embora sem trocar números de telefones, o que o deixa destruído, *“todos os domingos fico destruído, numa casa vazia”*. Aos poucos foi se abrindo e conseguiu dizer que nos finais de semana sai com uma ou duas garotas, mas não fica satisfeito, quer todas. Ele se refere a elas como *“alimento”*, ele come todas, se alimenta delas e espera que elas liguem de volta, mas elas não telefonam e ele fica arrasado. Ao explorar esse assunto a situação se revela: ele leva a garota para casa, mantém relações sexuais, dormem, e pela manhã ele finge que está dormindo até a garota decidir ir embora - garota que depois do gozo vira uma *“coisa”* que o incomoda, que tira a ordem da casa. Renato gosta de meninas jovens, de no máximo 23 anos, diz que as mais velhas são chatas e mandonas.

Depois de quatro meses de sessões, orientada pela supervisão pedi que ele viesse duas vezes por semana, as segundas e sextas-feiras.

Na segunda ele vinha destruído, na sexta, eufórico. Na segunda um rapaz agressivo, bravo, com muito ódio, chamando as mulheres de vagabundas, na sexta aparecia um adolescente, esperançoso, iluminado, sorridente.

Renato tem uma cachorra, a única que aparece em seu discurso afetivo. Se sente culpado porque Isabela, a cachorra não suportou seu ritmo alucinado e teve uma lesão no fêmur, precisou de uma cirurgia

¹⁶ Minhas falas aparecerão entre aspas e em negrito. As falas de Renato aparecerão entre aspas e em itálico.

séria e ainda não se recuperou. Num dado momento ele me olhou e disse: “*Você me lembra a Isabela!*” e eu perguntei: “**O que nós duas temos em comum?**” ele: “*Você tem cara que não faz mal a ninguém*”.

Enquanto atendia Renato, fazia supervisão e me reunia com um grupo de estudos, muitas hipóteses foram levantadas: neurose obsessiva, neurose obsessiva como forma de se proteger de uma histeria grave; outros disseram se tratar de alguém que estava muito aquém da situação edípica e eu seguia ouvindo o Renato, as pessoas, Freud, entre outros.

Num dado momento Renato vinha às sessões e ficava em total silêncio, com raiva porque dizia que eu tinha que fazer perguntas a ele e dizer o que ele tinha que fazer para se livrar da irritação, da inaptidão para a vida. Falar ficou difícil para ele, pois ao falar ia se dando conta do enorme vazio que estava mergulhado. De como sua vida era solitária, de quanto ele se sentia pouco amado. O vazio aparecia na fala, nas histórias que se repetiam. O silêncio foi a maneira que ele encontrou para se defender da angústia. Renato desejava que eu preenchesse seu vazio com a minha fala, com as minhas perguntas e eu não o fazia, frustrando e dificultando o processo analítico.

Durante essas sessões em silêncio, eu me sentia como a Helena do filme Encaixotando Helena, com o corpo despedaçado, sem voz. Cada vez que eu tentava falar a voz não saía. Ficamos assim, várias sessões em silêncio, mas juntos. Um vazio preenchido pela minha presença, porque de fato eu estava presente, ouvindo cada ruído do seu mundo interno e do meu, que gritava e desejava ter uma palavra que nos tirasse daquela situação, até que em Jean Pierre Lebrun encontrei um alento, um norte feito de palavras.

*“A razão do meu ódio é esse vazio que me habita, ao qual sou obrigado a dar lugar pelo fato de que falo. Eis porque Freud punha o ódio – e não o amor – no ponto de partida do humano. (...), a potencialidade de linguagem, que todos temos desde o nascimento, em princípio, pelo menos, não garante, no entanto poder falar. Todo um trabalho parece, com efeito, necessário para que a criança, esse inf-fans – do verbo latino fari, falar -, esse não falante, se aproprie do uso da fala. Trabalho que depende parcialmente dos primeiros outros que a cercam, seus pais, sua família, seus professores, em uma palavra, aqueles que se encarregam de sua educação, e mais geralmente ainda, da geração que a precede. Mas, parcialmente dela mesma, dado que ela deverá consentir em tomar a palavra, consentir em implicar-se em seu aprendizado, primeiramente, e se apropriar dela em seguida. Chega, portanto, o momento em que ela poderá e deverá sustentar sua palavra, logo, se sustentar em sua própria autoridade, assumir a responsabilidade de seu dizer; é a isso que chamamos de subjetivação, ou mais banalmente, tornar-se adulto.”*¹⁷

As palavras de Pierre Lebrun me autorizaram a sustentar o lugar dos primeiros outros, sem receios. O início da sessão começava com as minhas palavras. Deu certo, porque Renato retomou seu discurso, mas agora um discurso sobre o meu trabalho, ele tentava destruir meu lugar e tudo começou da seguinte maneira:

Numa sexta-feira ele veio para a sessão com um pedaço de bolo (de chocolate) bem pequeno e disse que uma colega de trabalho havia feito aniversário, ele pegou um pedaço de bolo para mim, aceitei o bolo, coloquei sobre a mesa e ele deu início aos planos para o final de semana. Nesse momento ele iniciava uma “caçada” a uma atendente da Livraria Cultura “*meu, ela é muito diferente, não dá bola pra ninguém, é essa garota que eu quero, tô apaixonado. Vou chamar pra sair, o que vc acha?*” Sempre em busca de um direcionamento, de alguém que autorizasse suas caças. Na sessão seguinte ele chegou e já foi dizendo “*hoje vc vai falar, eu vou ouvir*”, silêncio total da minha parte – não foi manejo, eu fui pega de surpresa mas, de imediato lembrei do presente que ele me ofereceu na sessão anterior – um bolo/coco e agora me cobrava.

¹⁷ Lebrun (2008, p. 20)

Sem resposta, Renato ficou irado e disse que, se eu achava mesmo que meu trabalho fazia alguma diferença, que *“a gente é igual aquele povo horroroso do metrô, povo fedido, feio, uma massa sem rosto, uns filhos da puta, sem educação. “Vai, fala, fala, diz que eu sou preconceituoso”* e assim continuou tentando me enredar em seu ódio criticando Freud e a Psicanálise. Finalmente me senti incluída em sua neurose.

Nas duas sessões seguintes ele não apareceu. Algo me dizia que eu tinha que esperar até entender em qual lugar ele havia me colocado na transferência, busquei supervisão e aumentei minhas sessões de análise. Num dado momento, entendi que, se eu não ligasse estaria no mesmo lugar das vagabundas que em sua fantasia não ligavam no domingo, ou no lugar da mãe que nunca liga para saber dele. Liguei: **“Renato, é Cláudia que está falando, como você não remarcou suas sessões preciso saber o que fazer com seu horário”** *“Ah, oi Cláudia, tive muitos trabalhos na semana passada e não pude ir, mas na próxima eu vou”* **“ok, te espero”**. Na sessão seguinte ele veio, mas com trinta minutos de atraso, escutei o que ele tinha a dizer sobre o trabalho, sobre o metrô, mas interrompo abruptamente e lhe digo francamente: **“por mais que você tente não vai conseguir me colocar contra você, nem contra nem a favor. Estou junto nesse processo”** Sobre a Psicanálise, Freud e todos aqueles que ele tentou derrubar com suas ofensas, afirmei: **“não existe a pretensão de mudar, curar ninguém, se a análise conseguir que você viva com menos barulho interno, já valerá a pena todo o esforço”**.

Vínculo restabelecido e novidades: Renato explorou a possibilidade de transar com um homem *“minha alma é gay”* sempre me disseram que sou gay *“meu amigo beijou um cara e eu quero experimentar”*. Nas supervisões o analista já havia levantado essa hipótese, mas ela não me convencia, eu sempre lembrava que, um dia conversando com a mãe, reclamando muito de como o pai foi rígido com ele, ela respondeu: *“pelo menos você se tornou um homem, filho”*. Eu me perguntava se ele tentava opor-se a mãe, mas sobretudo, eu escutava que o processo analítico estava possibilitando questionamentos *“o que eu sou, quem eu sou, um homem ou uma mulher?”*

Então eu estava diante de um histérico? *“Existe además una tercera posición subjetiva del histérico, caracterizada por la tristeza de su yo cuando debe afrontar por fin la única verdad se su ser: no saber si es un hombre o una mujer.”*¹⁸

Caminhamos mais um pouco e eu ainda não sabia que saída Renato tinha encontrado para seu complexo de Édipo, aliás, não sabia nem se ele tinha se aproximado do complexo.

Nesse período ele conheceu Marina numa balada, uma moça de 25 anos, designer gráfica, arrogante, que só se vestia de preto, cinza e branco e não dava bola para ninguém. Ele se aproximou dela, levou-a para casa na primeira noite, mas não mantiveram relações sexuais *“foi isto que gostei dela, ela não é vagabunda, ficamos só conversando”* eu pensei: ele está tentando se ligar a alguém. Mas esse se ligar a alguém aparecia sempre como uma solução para não ficar sozinho em casa, e não como uma relação, apesar de ele colocar Marina num outro lugar e não no lugar de vagabunda, era sempre de forma utilitária, para preencher um vazio insuportável.

A Marina do discurso de Renato tinha uma boa distribuição de libido e investia nele o mínimo possível. Ela havia tido uma relação com outra garota e segundo ele, tinha finalmente entendido que *“seu negócio era homem”*. No início ele dizia que Marina era maravilhosa, que ia chamá-la para morar com ele, que estava se empenhando, mas na medida em que ela não telefonava o tempo todo, saía com os amigos e não o convidava, não se mostrava interessada em transar, ele tinha raiva e dizia que *“essa mina tem problemas, ela não transa e eu vou dizer a ela - vira aí, deixa que eu te como então”*. Até que num dado momento,

¹⁸ Násio, (2008, p. 15)

depois de um aumento de tensão entre os dois, a relação sexual aconteceu e quando acabou ela foi pelada para a sacada do prédio fumar e *“se mostrar para as pessoas”*. No discurso dele aparecia uma mulher narcísica, que não gostava de carinho, que não se importava com ninguém. A relação não se desdobrou. Ele me culpou dizendo que eu devia ter dito para ele não se meter com essa gente louca que não sente nada por ninguém. Nesse momento eu disse: *“mas me parece que você também não sente, o que você quer é alguém que preencha um pouco seu espaço vazio, que lhe distraia”*

No momento atual ele fala das suas relações como se falasse de “coisas” e mantém seu teatro onde ora atua como o caçador, ora atua como o abandonado.

Quando entra em contato com a falta sai em disparada, buscando objetos que possa tampar o buraco. Busca um objeto descartável. Na sexta seguinte tudo recomeça. Renato é tomado pela angústia e tem pavor de ficar sozinho, o que defino como a angústia de se ver castrado, impossibilitado, entregue ao vazio, à falta.

Escuto Renato recusando a castração. Compondo sua vida sexual de modo que a castração seja sempre evitada. Em Renato coexistem duas atitudes opostas em relação a castração – ele sabe da castração, mas também não sabe. Quando a percebe reage com raiva, e sai para a caça .

Joyce McDougall encara a cena que o perverso cuidadosamente monta, como um teatro através do qual há que se provar *“ad infinitum a inexistência da castração. (...) um enredo cuja intenção inconsciente básica é a demonstração de um triunfo sobre a castração, já que esta é, na verdade, o fantasma que ronda o ato e por ele é visado. A castração é o mote de toda criação perversa.(...). É um desafio que se faz no confronto com a angústia, no intuito de se levar a melhor sobre ela. Daí o caráter compulsivo da busca sexual do perverso, pois, diante da evidência sempre presente da realidade, ele não pode ter descanso em seu afã (“ eu não descanso nunca, diz Renato em quase toda sessão”) de proteger-se da angústia e de, a seu modo, negá-la ou escamoteá-la. Sua economia libidinal se organiza de forma a atuar tudo que se passa no plano da fantasia sexual, o que lhe retira a possibilidade de escolha ou de renúncia à pressão pulsional (“eu queria ter um talento, algo que eu desejasse, mas parece que gosto só de comer mulher, meu!”)*¹⁹.

A busca de Renato pelo sexo nada tem a ver com desejo, trata-se de angústia. Angústia que o move em direção ao ato sexual. Renato tem um mundo psíquico que se assemelha ao mundo interno do drogadicto – seu ego é escravizado pela compulsão à atuação, sem possibilidade de encontrar um esquadro. A sexualidade não está no registro do prazer, mas no registro da necessidade (*“se ela não quer dar para mim, que vire de costa e deixa que eu como; eu quero comer, eu quero comer”*).

Quase um ano de análise, a única mulher que teve um nome até agora foi Marina, as outras são mulheres sem nomes, sem rostos, sem histórias, sem sentimentos, sem desejos. Objetos anônimos, chamados para desempenhar um papel definido e controlado (*“finjo que estou dormindo, elas se cansam e vão embora”*).

Quando Renato começa a esbravejar, com sua voz alta acusando o capitalismo, a sociedade, a religião e dizendo que não consegue habitar sua casa *“ preciso caminhar, sair pra rua”*, que só Isabela (a cachorra) é digna de afeto, penso no filósofo Diógenes (o cão)²⁰ e na possibilidade de uma psicose.

Interessante, porque ao relatar o caso a alguns analistas, a neurose obsessiva é a hipótese que aparece como certa, no entanto minha escuta não encontra recalque. Não há censura em Renato!

As três questões que me faço todos os dias são:

Qual o diagnóstico para o caso?

Qual a saída possível para Renato?

¹⁹ McDOUGALL, (1992, p. 89)

²⁰Ver http://pt.wikipedia.org/wiki/diogenes_de_sinope

Será que algum dia ele conseguirá escutar e lidar com a compulsão de repetir as mesmas cenas do seu empobrecido espetáculo psíquico?

Termino a primeira fase da formação com alguns elementos para trabalhar na transferência, no entanto, confesso que tenho muito mais dúvidas do que certezas, o que me incita a reflexão, a estudar e a trocar com outros analistas, mas, sobretudo, a investir em minha análise pessoal, pois sem ela eu não teria conseguido me manter na direção desse caso difícil. Agradeço ao meu analista Arnaldo Dominguez que, com sua escuta generosa, honesta e cuidadosa, ouviu todas as minhas inquietações, investindo palavras e silêncios na hora certa.

BIBLIOGRAFIA

FERRAZ, F. C. Perversão. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

FREUD, S. A dissolução do complexo de Édipo. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XIX.

_____. A divisão do ego no processo de defesa. In Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXIII.

_____. Além do princípio do prazer. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XVIII.

_____. Fetichismo. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XXI.

_____. Recordar, repetir e elaborar. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. XII.

_____. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas. Rio de Janeiro: Imago, 1980. v. VII.

Garcia, J. C. Problemática da identidade sexual. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. (Coleção Clínica Psicanalítica).

KLAN, M. M. R. Alienación em las perversiones. Buenos Aires: Nueva Visión, 1987.

LEBRUN, J. P. O futuro do ódio. Porto Alegre: CMC Editora, 2008.

LEBRUN, J. P. A perversão comum: viver junto sem o outro. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2008.

McDOUGALL, J. Teatros do Eu. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1992.

MELMAN, C. A neurose obsessiva. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2004.

NASIO, J. D. El dolor de la histeria. Buenos Aires: Paidós, 2008.

_____. Édipo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

POMMIER, G. Do bom uso erótico da cólera. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996.